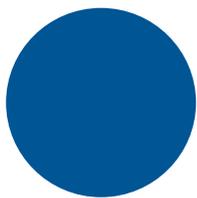


gazeta Valsassina

Dezembro 2013 . n54



**Crescer e aprender
num espaço-Quinta**



Índice

Editorial	2
Como se escreve uma casa – treze notas sobre o espaço–quinta	3
Crescer num espaço quinta	4
Papá, afinal as frutas não nascem no supermercado...	5
Olhar o mundo com criatividade, sensibilidade e respeito	6
Acompanhamento tutorial	8
Dia a dia num mirante sobre a cidade	10
Que espaço–Quinta desejamos todos no Valsassina?	12
Vamos à “quinta”	13
Aprender com os sentidos	14
Entrevista com a escritora Maria Teresa Maia Gonzalez	16
Projecto “Fábrica de Histórias”	18
Comentários sobre a tarefa “Escreve–me histórias”	19
Crescer e aprender com a Filosofia	20
Sensações, descobertas, conhecimentos: o valor das exposições	22
A importância do meio no processo de desenvolvimento artístico	24
Desenhar é humano	26
A minha primeira experiência no mundo do trabalho	28
A preservação do planeta	30
Os mais novos e os mais velhos	30
Garrano. The primitive rebel from the North	31
A minha Casa ecológica	32
“Somos ilhas, mas estamos juntos (...)”	33
Entrevista com João Miguel Tavares	34
Sobredotação, que respostas?	36
Quadro de Honra 3º P 2012/13	38
Quadro de excelência 2012/2013	40
Acesso ao ensino superior 2013 – Lista de colocações	42
Cerimónia do Quadro de excelência	44
Rankings 2013	45
Alunos do Valsassina premiados no concurso nacional 2013 Eco–Repórter	46
Alunos do Valsassina premiados no concurso nacional 2012 dos Jovens Repórteres para o Ambiente	46
Colégio Valsassina distinguido com o Galardão Bandeira Verde pelo décimo ano consecutivo	46
Colégio em ação	47
Aconteceu...	48
Aconteceu no desporto...	52

FICHA TÉCNICA

Fundadores Frederico Valsassina Heitor
Maria Alda Soares Silva e seus Alunos
Diretor João Valsassina Heitor
Diretor Editorial João Gomes
Projeto gráfico e paginação Sandra Afonso
Impressão idg – Imagem Digital Gráfica
Propriedade Colégio Valsassina
Tiragem 1200 exemplares

Colégio Valsassina
Quinta das Teresinhas 1959–010 Lisboa
218 310 900
218 370 304 fax
geral@cvalsassina.pt
www.cvalsassina.pt

editorial

João Valsassina

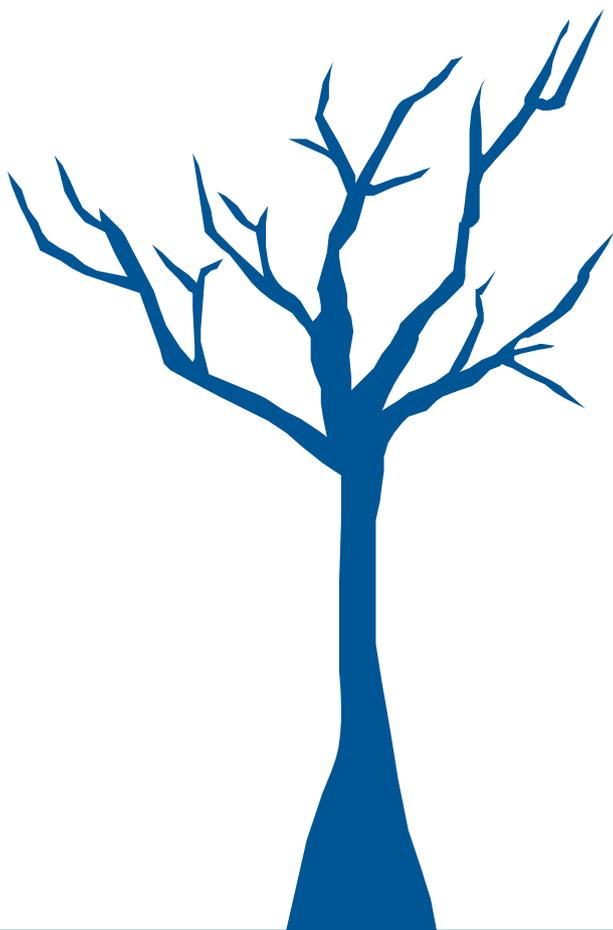
Diretor Pedagógico

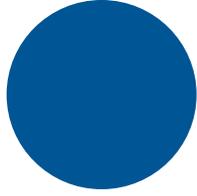
A aquisição da quinta onde hoje está instalado o Valsassina remonta a Dezembro 1948, um novo projeto pedagógico foi idealizado pelo meu Bisavô, Frederico César de Valsassina juntamente com a sua mulher e fundadora do nosso Colégio, Susana Monte Cembra Valsassina. Dizia ele no seu relatório intitulado “ O que será a nossa nova escola” escrito no Verão de 1948: “ É também evidente que só a compra de uma propriedade nos pode servir neste momento,Enfim encontramos-nos, novamente, perante a situação de cristalizarmos por falta de recursos...precisamos de instalações para todas as modalidades desportivas, de mais laboratórios, de uma sala condigna de professores, de uma sala de música, de uma biblioteca ...precisamos de campo de jogos, capoeiras, local apropriado para a criação de porcos, de uma vaca, que nos fornecesse a carne e o leite...”.

Esta foi a quinta que ainda conheci e onde comecei os meus estudos em criança, na altura já com alguns dos atuais pavilhões construídos. Passados que estão 65 anos da sua compra muita coisa mudou para que o Valsassina se fosse modernizando e se adaptando às necessidades dos novos tempos, preparando sempre com equilíbrio o futuro. Mas o valor do “espaço – quinta” como elemento aglutinador e diferenciador do nosso projeto educativo mantém-se sempre presente

Educar no “espaço-quinta” do Valsassina significa Formar, de forma completa, os nossos alunos, quer do ponto de vista académico, quer do ponto de vista humano. Significa que, para além dos conteúdos de cada disciplina é necessário chamar-lhes a atenção para outras áreas no domínio do ambiente, da cultura, da arte, do desporto e da música. Significa ainda difundir e interiorizar Valores tais com a solidariedade, o respeito pelos outros, a liberdade, a autonomia e a responsabilidade. Mas, para além de tudo isto, educar, significa também mostrar a realidade do dia-a-dia. Educar não é colocar os nossos alunos dentro de uma redoma, sem conhecimento do que se passa “lá fora”, na nossa cidade, no País e no Mundo. Por isso torna-se tão importante não só estudar e aprender, mas também crescer percebendo a evolução das “coisas” da natureza e da vida quotidiana, como apanhar sol nos recreios, ou apanhar chuva a correr para o refeitório, subir às árvores, plantar árvores, recolher plantas, ou cair no chão e arranhar os joelhos. Correrem pela quinta ou jogarem às escondidas. Criar um mundo de aventuras, construir as suas cabanas e lugares secretos, ou simplesmente passear e conversar debaixo da sombra dos eucaliptos. Isto também faz parte da aprendizagem do que é a vida real.

Os valores da Amizade, da Liberdade e do Conhecimento estão bem presentes na identidade do nosso Colégio. Enquanto Comunidade Educativa e espaço de aprendizagem sempre se desenvolveu num espírito e ambiente familiar, privilegiando a tolerância, o respeito pelo outro, as relações de amizade, como forma de socialização e de aprendizagem cooperativa, e o gosto pelo conhecimento, como forma de enriquecimento e de desenvolvimento das nossas capacidades intelectuais. O “espaço-quinta” do Valsassina potencia e favorece a aquisição destes valores.





em destaque

Como se escreve uma casa – treze notas sobre o espaço-quinta

Miguel Mochila Professor de Português

“... tudo começa com a primavera, seguida do verão, do outono, do inverno. Quatro maneiras de descrever o colégio...”



“... estudar numa quinta permite perceber melhor o que é a cidade...”

1. Quando Gaston Bachelard designa a procura, por parte do indivíduo, de um espaço *topofílico*, aquele que mantém uma relação tímica com o sujeito, um espaço *doméstico* – a parte do mundo que delimitamos como casa –, reconhece que a dimensão espacial da existência determina o modo como a concebemos. Existindo, não somos chegados somente ao mundo, mas ainda a um núcleo familiar que, mediando a nossa relação com ele, mapeia o conjunto das primeiras coordenadas e funda uma educação *familiar*.

2. Pouco a pouco, o mundo abre-se-nos em horizonte. A transferência da nossa existência do espaço familiar infantil para um espaço mundano, amorfo e por esculpir, determina a necessidade individual de romper o cordão umbilical com a *casa familiar* e de fixar um espaço para ser. A casa do futuro surge-nos, adolescentes, como um lugar que se procura, que não nos é *um dado*. Desse esforço participa também a escola, espaço determinante no tempo desta transição. Que essa transição se faça de modo harmonioso e interrogante a um tempo, eis uma das missões de um colégio como o Valsassina, cuja *topografia* propusemos aos alunos, partindo da conceção de uma escola como espaço-quinta.

3. A procura de um espaço para se ser está, desde logo, intimamente relacionada com a percepção de um tempo que se adensa como *limite*: crescer é também, e talvez sobretudo, aprender a viver com a evidência de que ele *nunca* nos é suficiente. Por essa razão, a fundação de um espaço que se faz através da escola é também um projeto de domesticação do tempo. No espaço-quinta, justamente, a relação *cronotópica* (relação espaço-tempo) surge agudizada. A passagem do tempo traduz-se naturalmente na mutação do espaço: **tudo começa com a primavera, seguida do verão, do outono, do inverno. Quatro maneiras de descrever o colégio (Maria Inês Costa 9º A)**. O espaço-quinta concebe assim um simulacro útil de plenitude temporal, suspendendo momentaneamente o pendor devorador de Cronos: **Os intervalos passados junto às árvores, arbustos e insetos que captam os últimos raios de sol são os melhores, sem preocupações, com um único pensamento: quem me dera fazer parar o tempo (Maria Inês Costa 9º A)**.

4. O espaço-quinta converte-se assim num mediador positivo na relação com um mundo excessivamente acelerado, feito de recantos, refúgios (*nunca* esquecerei os recantos do colégio – **Maria Inês Costa 9º A**), como elemento protetor (espaços que servem de refúgio – **Marta Carvalho 9º A**) que potencia um progressivo aprofundamento da relação do eu consigo mesmo, de autorreflexividade que promove o conhecimento do próprio na relação com este espaço de conforto: **conheço estas quatro estações, momentos, rotinas, tal como conheço a palma da minha mão (Maria Inês Costa 9º A)**. A *topografia* converte-se assim em *egografia*. Eu sou o meu espaço, chego a mim como quem entra em casa.

5. Escrever sobre (escrever o) espaço–quinta constitui assim sobretudo um modo de pensar–se a si mesmo na relação com o dito espaço. Além disso, escrever não é precisamente *fixar a pessoa ausente* (Freud), aquela que não permanece *porque o tempo passa?* A ilusão da intransitoriedade gráfica faz deste projeto um modo ainda de dizer: fixo a palavra como quem tranca, estando do lado de dentro, a porta de casa.

6. Sucodem–se, assim, as imagens de nidificação, de proteção. O espaço (o tempo que nele se manifesta) abraça–nos (o outono abraça–nos com os seus tons castanhos, amarelos e vermelhos que cobrem o chão de alcatrão da escola – **Maria Inês Costa 9º A**), agasalha–nos (cores quentes outonais) em face dos elementos frios (o alcatrão, tão mais *da cidade*).

7. Em espaços como este brinca–se cumprindo–se o ensejo gregário que um espaço topofílico (doméstico, familiar) engendra: brinca–se a criar “tribos” e consequentemente *cabanas, correr pelos montes, tentar trepar a árvores mais altas* (**Vasco Castro 9º A**). Com a proteção que é própria do espaço familiar, gregário, tribal, lançamo–nos no movimento ascendente e perigoso, sentimos que podemos enfrentar o desafio: *trepamos a árvores, lançamo–nos em coisas mais altas*.

8. Estabelecemos com o espaço–quinta a relação que o núcleo familiar promove, uma relação afetiva e volitiva com uma espacialidade *i–mediata* (não mediada) ao eu, à margem do mais estritamente racional. A experiência da nossa relação com ele é fundamentalmente do nível dos sentidos, da sensibilidade: *Vai ser fácil recordar o início do ano letivo, quando o verão parte relutantemente, sentir e cheirar o verão que emana dos eucaliptos monumentais da escola* (**Maria Inês Costa 9º A**). Este é um espaço que nos sensibiliza (**Marta Carvalho 9º A**), tudo nele nos é tão *natural* (não convencional, mas antes patético) que sentimos que nos acolhe, que se transfigura de modo a que possamos integrar–nos nele. Um dos modos comuns da mencionada transfiguração é a imagem da antropomorfização. O espaço personificado é aquele com o qual posso dialogar: *as nossas árvores monumentais começam a queixar–se da falta do sol, começam também a sentir as primeiras chuvas e ventos* (**Maria Inês Costa 9º A**).

9. O apelo ao imediato que em mim ocorre no espaço–quinta prefigura a natureza como experiência, como aquilo que *eu experiencio*: *estudar numa quinta é experienciar a*

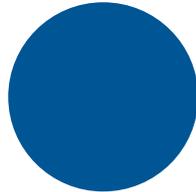
natureza diariamente e aprender a ser ecologicamente sustentável na prática (**Patrícia Nascimento 12º 1A**). *Aprender a ser na prática*, onde nos ligamos ao que nos rodeia, através do fluxo emocional que projetamos neste pequeno universo: *estudar numa quinta faz–me sentir ligada à natureza* (**Ana Catarina Caçote 12º 1A**). Como quem tem a pupila ligada ao coração.

10. Dialogando com este espaço, um espaço, já o vimos, de intimidade, guardo em mim um segredo dele (os intervalos no chão de alcatrão a apanhar sol e a ouvir os pássaros cantar uma melodia secreta de um compositor anónimo – **Maria Inês Costa 9º A**). Se partilhar um segredo é confiar, é tornar–me de algum modo dependente de outrem, guardar o segredo de um espaço é também *sê–lo*: *Estudar numa quinta integrou–me num espaço com elementos naturais* (**Carolina Fonseca 12º 1A**). Há um processo relacional que *desindividua*, pelo menos ilusoriamente, o eu, que mobiliza nele uma vocação para a pertença (o anonimato, etc.)

11. Princípios a habitar uma casa é também aqui, como sempre, princípios a excluir, a revelar o mundo em negativo: *estudar numa quinta permite perceber melhor o que é a cidade* (**Ricardo Paiva 12º 1A**).

12. O espaço surge como uma força, como um *dinamo*: *estudar numa quinta faz com que possamos ter a oportunidade de crescer num ambiente mais dinâmico* (**Joana Duarte 12º 1A**). Como qualquer força, o espaço torna evidente ao eu um percurso palmilhável entre o dado e o projetado como desejo: estando *aqui*, aspiro a chegar a um *ali* mais ou menos definido e por isso me movo, não me dou por satisfeito, procuro, perscruto, pretendo. Para que ela seja a *minha*, nunca me sinto completamente feliz em casa.

13. Esta orientação teleológica, *futurante*, do espaço–quinta endereça o sujeito que o habita para uma série de *possíveis*: *estudar num colégio com tanto espaço livre aguça em mim a curiosidade sobre o que me cerca* (**Diogo Oliveira 12º 1A**). Porque o espaço está ainda livre, desejo ocupá–lo. É num espaço assim que nos descobrimos agentes. Este não é só já um espaço de repouso, de conforto maternal, segundo ainda Bachelard. Nele arquiteto um ambiente de harmonia e de esperança (**Marta Carvalho 9º A**). O olhar futurante que a partir dele atiro para o mundo faz com que o espaço–quinta se abra à construção. Nós construímos esse espaço à medida que nos construímos: nós *somos*, porque a escrevemos, a história desta casa.



em destaque

Crescer num espaço quinta

Sónia Ferreira Encarregada de educação. Gestora de clientes

“... Aprender os valores, num ambiente que estimula, mas acompanha, que exige, mas acarinha e que abre horizontes, sempre com a confiança do que nos segura e suporta, é algo inestimável.”

Crescer num espaço quinta é algo raro, especial.

Numa altura onde as escolas estão focadas em maximizar a utilização dos espaços e minimizar recursos, crescer num local onde há espaço livre para aprender e crescer, como se fosse um oásis no meio de prédios, é algo difícil de descrever por palavras, e só mais fácil de entender por quem circula por este espaço todos os dias.

Há muitas escolas com instalações mais recentes e modernas, mas que lhes falta o ambiente familiar das árvores a crescer juntamente com as nossas crianças, dum espaço onde o verde convive com o cinzento e onde é a escola que se adequa à envolvente, crescendo à volta do espaço e não o contrário.

Crescer numa quinta, para quem vive na cidade, é um privilégio, muitas vezes não totalmente compreendido pelos seus ocupantes, tão embrenhados em brincadeiras e descobertas, de si próprios e dos outros. Não são muitos os locais onde o crescimento pode acontecer num local que coexiste harmoniosamente com o que o rodeia, sem se impor, beneficiando das vantagens de aprender muitas coisas sobre a natureza, in loco, e não apenas lendo sobre ela.

Crescer num espaço quinta é também um tesouro. Sendo a escola o espaço onde as crianças descobrem as primeiras amizades e muitas daquelas que as irão acompanhar para toda a vida, onde aprendem a ir para além dos seus limites e a desafiar as suas capacidades, onde descobrem as suas aptidões e preferências, onde definem muitas vezes os primeiros passos do seu percurso profissional, poder fazer isto num espaço tão particular e acolhedor, é uma experiência única, que muitas vezes só se apercebem mais tarde. Aprender os valores, crescendo com as características que irão definir a personalidade de cada um, num ambiente que estimula, mas acompanha, que exige, mas acarinha e que abre horizontes, sempre com a confiança do que nos segura e suporta, é algo inestimável.

Mas crescer num espaço destes é também uma responsabilidade, pelo dever de passar o que aprenderam a outras pessoas, pelo orgulho pela experiência única que tiveram e a vontade que deverão ter em partilhá-la com os restantes, mostrando a diferença do que crescer nesse espaço provoca e desencadeia, como se fossem apenas um elo numa cadeia muito maior de aprendizagem e conhecimento, fazendo parte duma família maior e inquebrável.

Por isso, também nós pais e educadores, acabamos por abraçar e crescer neste espaço, sentido-o como nosso e procurando desenvolver, em conjunto, um projeto que prepare as nossas crianças para um futuro dinâmico e desafiante, com a confiança do que são e a esperança e o sonho de tudo aquilo que quiserem ser.



“... percebo a importância desta Quinta, do nosso Valsassina, um valor tão intangível e no entanto tão marcante na personalidade e responsabilização ecológica e ambiental dos nossos filhos”

Papá, afinal as frutas não nascem no supermercado...

Jorge Magalhães Vieira Encarregado de educação. Antigo aluno.

Assessor na Área Internacional da CGD

Sou um “menino nascido e criado na cidade”!

A minha mãe, com origem na área urbana do Porto, e o meu pai na de Braga. Sobrava uma avó, que vivia numa quinta, para os lados da Póvoa do Lanhoso. Até aos 6 anos as visitas eram esporádicas, Páscoa e Natal e as lembranças são poucas.

Aos 7 comecei a ir para lá, no Verão, com as minhas primas, e abriu-se um mundo de experiências inolvidáveis. Os animais, a rega, as colheitas, as frutas (que afinal vinham das árvores), os cães, a caça, as festas.....

Aos 7 anos também entrei no Valsassina. E, aquele Colégio, não era um apartamento ou um bloco..... tinha jardins, lindos, e.... uma quinta! A nossa ida à quinta, uma ou duas vezes por semana, era o top das brincadeiras e a memória mais marcante da minha infância no Colégio.

Com o passar dos anos fui conhecendo as crianças que julgavam que as laranjas nasciam no supermercado e que, aos 12 anos, nunca tinham visto um porco ou uma galinha.

Hoje, a minha filha, com 8 anos, foi dezenas de vezes a quintas pedagógicas, passa duas semanas por ano no campo, com os avós, planta comigo, em casa, verduras, ervas aromáticas, chás, e até tem uma laranjeira e um limoeiro! Sou muito feliz por a minha filha saber, precisamente, onde crescem as frutas!

E aprender num espaço Quinta? Todos os dias de manhã, quando entro no Colégio e sinto o cheiro dos pinheiros e ouço o canto dos pássaros não consigo conter um sorriso e, o alívio, de estar naquele oásis no meio de Lisboa. Que vontade de ficar no jardim a ler, horas a fio, com a algazarra dos miúdos ao longe.

No final do ano passado, depois de uma atividade entre pais e alunos, “perdi-me” pela quinta, reví os espaços onde esburacava as calças ao descer os muros de pedra e areia, e voltei a ser o “menino da cidade” que descobriu o campo e a quinta aos 7 anos.

No primeiro dia deste ano, ao entrarmos no Colégio, a minha filha rasgou um sorriso, e virada para mim com os olhos brilhantes, dizia-me “papá, papá, voltamos ao cheirinho dos pinheiros”.

Quando visito os filhos de amigos nos “ultra modernos” colégios de betão da nossa cidade, percebo a importância desta Quinta, do nosso Valsassina, um valor tão intangível e no entanto tão marcante na personalidade e responsabilização ecológica e ambiental dos nossos filhos.

Ao saudoso Dr. “Fifas”, à minha muito querida Dra. Marinela, ao Dr. João e a todos os que cuidam desta nossa Quinta, muito, muito obrigado por a manterem há tantos anos, sem nunca se tentarem a “empedrar” o verde do nosso colégio, a bem de tantas gerações passadas, presentes e futuras.



em destaque
“Este potencial é ainda maior quando a escola está inserida num espaço-quinta, na medida em que este se pode tornar polivalente e multifuncional, funcionando não apenas como espaço de lazer, mas também como promotor de uma educação ambiental, de educação para a cidadania e, sobretudo, como uma excelente oportunidade para desenvolver as habilidades criativas dos alunos.”



Olhar o mundo com criatividade, sensibilidade e respeito

Patrícia Avôes Professora de Geografia

Num congresso sobre envolvimento dos alunos na escola, um orador concluiu a sua intervenção referindo que, no que concerne à Educação, a questão mais importante que cada um devia colocar a si próprio era *“Como seria a escola em que gostaria que os meus filhos estudassem?”*.

Nesta questão, e indefinição, sobre o que será a escola ideal, está, naturalmente, implícita a noção de valor. E se ao longo do tempo o ser humano sempre valorizou coisas e ações diferentes, a Educação não se manteve à margem desta tendência. Questões como *“Que cidadãos queremos formar?”* ou *“Como desenvolver o equilíbrio nos alunos?”*, sempre fizeram parte das preocupações dos educadores, pelo que sempre se sentiu uma grande necessidade em definir o modelo de educação que se pretendia para os alunos e as condições necessárias para que tal se alcançasse.

Vários autores abordaram esta questão, nomeadamente o filósofo Savater (1997) que chamava a atenção para as finalidades da educação:

Deve a educação preparar competidores aptos para o mercado de trabalho ou formar homens completos? Deve potenciar a autonomia de cada indivíduo, amiúde crítica e dissidente ou a coesão social?

Este é, porventura, um dos grandes desafios que hoje se coloca às escolas, ou seja, como ser eficaz na promoção de valores e como mobilizar todos os recursos de que dispõe para promover o desenvolvimento integral dos alunos.

Neste sentido, o espaço físico da escola reveste-se de especial importância dado que potencia o sentimento de pertença e desenvolve um maior apego à escola, ao mesmo tempo que é um lugar de encontro, partilha e interação. Para Horn (2004, p.28):

É no espaço físico que a criança consegue estabelecer relações entre o mundo e as pessoas, transformando-o em um pano de fundo no qual se inserem emoções.

Deste modo, é importante que as escolas aproveitem todo o seu potencial para proporcionar aos alunos experiências e desafios cognitivos e motores que promovam um ambiente de aprendizagem estimulante.

Este potencial é ainda maior quando a escola está inserida num espaço-quinta, na medida em que este se pode tornar polivalente e multifuncional, funcionando não apenas como espaço de lazer, mas também como promotor de uma educação ambiental, de educação para a cidadania e, sobretudo, como uma excelente oportunidade para desenvolver as habilidades criativas dos alunos, através do contacto direto com o ambiente.

Para Martins (2000, p.5):

A expressão plena do potencial criativo de cada um não depende apenas do treino e do estudo; é igualmente importante a existência de um ambiente adequado.

Se considerarmos que vivemos numa sociedade em constante transformação e cada vez mais urbana, onde impera o espaço edificado, estes pequenos paraísos verdes, apresentam-se como uma ponte para estimular a criatividade.

Crescer num espaço quinta

Um dos motivos pelos quais os meus pais me inscreveram no Colégio Valsassina foi a oportunidade de crescer num local privilegiado em espaços verdes, inserido numa grande cidade como Lisboa.

Em primeiro lugar, crescer num espaço quinta é crescer em permanente contacto com a Natureza. Desde pequenos, que através da horta do jardim-de-infância, aprendemos a respeitar e a cuidar dos espaços verdes. Recordo com nostalgia, as idas à quinta e as visitas ao jardim da casa principal.

Por outro lado, são vários os projetos em que somos desafiados a desenvolver trabalhos manuais como colagens com materiais da quinta.

Em segundo lugar, os educandos desfrutam por diversas vezes de aulas ao ar livre, desde as aulas de Ciências da Natureza até às de Educação Física. Mais recentemente, tenho trabalhado em projetos da disciplina de Biologia e Geologia em que a componente prática é muitas vezes desenvolvida no exterior.

Todos os anos, antes do final do ano letivo, temos a festa da escola, onde alunos, professores, funcionários e encarregados de educação se reúnem para um piquenique, usufruindo deste espaço.

No meu caso, tive o duplo privilégio de crescer com a Natureza, tanto durante o período escolar, como em férias e fins-de-semana, o que me permitiu complementar estas duas vertentes. Sem dúvida alguma, que foi deste “percurso verde” de 12 anos no colégio, que resultou a minha predileção pela área científica.

Mafalda Gomes. 10^ªIA

Mas voltando à questão inicial, “Como seria a escola em que gostaria que os meus filhos estudassem?” e à promoção dos valores na educação, Palma (2003) reforça que ensinar a olhar o mundo com sensibilidade, criatividade e respeito é tarefa daqueles que têm na sua frente seres humanos em formação. Perante isto, valorizar o espaço não-edificado da escola e implementar políticas educativas de ensino ao ar livre e em contacto com a natureza, é aproveitar todo um conjunto de mais valias que contribuirá para a formação de cidadãos conscientes, cuja interiorização de valores ambientais, sociais e económicos poderão ser reproduzidos de uma forma integrada. Para a UICN (1970) a educação ambiental apresenta-se como:

“O processo de reconhecimento de valores e de clarificação de conceitos graças aos quais a pessoa adquire as capacidades e os comportamentos que lhe permitem (...) conduzir a uma participação empenhada na construção da qualidade do ambiente”.

Educar em valores deve, assim, considerar que os valores são adquiridos em múltiplas situações e em contextos diversos e que vão ganhando solidez à medida que a personalidade dos alunos se vai formando, pois são integrados a partir da reflexão que cada um faz sobre o mundo que o rodeia.

Importa, assim, proporcionar aos alunos aventuras educativas que os inspirem, procurando ter como ponto de partida as referências e as vivências quotidianas de cada um.

Não se assuma contudo que apenas as disciplinas diretamente ligadas ao estudo do meio ambiente dispõem de oportunidades para construir experiências educativas úteis e divertidas ao ar livre. Afinal, como saber o que inspira os nossos alunos? O importante é desenvolver atividades tão diversificadas como jogos de orientação, plantação de árvores, desenho de observação, recolha de restos orgânicos, caminhadas, recolha de dados meteorológicos, entre outras, pois todas as interações que ocorrem dentro do espaço-quinta são de grande influência no desenvolvimento e aprendizagem das crianças.

Aprender, quer se trate da gentileza, da música, das ciências, de uma qualificação profissional ou pessoal, aprender é sempre visar algo melhor. Aprende-se a esquiar bem, a bem falar, a bem pensar, a bem fazer. Não tenhamos medo das palavras bem e melhor; são indispensáveis na educação. (REBOUL, 2000, p.73)

Conclui-se, deste modo, que cabe ao professor estar sempre atento para aproveitar todas as oportunidades em que a própria ação se torne uma lição, de modo a construir uma escola mais enriquecedora e inspiradora, onde não se acumulem apenas saberes, mas se inspire os alunos a ser poetas, exploradores, artistas ou doutores.



educar para construir futuro



De acordo com um estudo desenvolvido por investigadores da Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação, da Universidade de Coimbra, cujos resultados foram publicados nos Media em Setembro de 2013 (anteriormente publicados nas revistas científicas *Journal of Happiness Studies* e *Instructional Science* e *Child and Youth Care*), alunos com acompanhamento de um professor-tutor apresentam maior competência na aprendizagem.

“Acompanhamento Tutorial é sinónimo de comunicação, interação e orientação, contributos essenciais para o desenvolvimento dos nossos filhos. São ações para a construção do futuro!”

Acompanhamento tutorial

O Colégio Valsassina foi fundado com o propósito de não limitar a educação ao ensino mas complementá-lo pelos conhecimentos da vida nos seus múltiplos aspetos, beneficiando de um espírito de família que passou dos fundadores para toda a comunidade educativa.

Identificando-se com uma Escola laica de formação humanista, fomentamos no Valsassina um processo educativo que valoriza o respeito pela identidade individual e o reconhecimento e aceitação das diferenças que nos caracterizam.

Neste contexto, durante todo o dia as portas dos Gabinetes dos Coordenadores/Tutores e do Diretor estão abertas para que seja fácil a alunos, pais, outros professores e funcionários chegarem até eles. Procura-se transmitir segurança, apoio, afetividade, respeito por cada um, na sua individualidade, e disponibilidade para ouvir e agir com firmeza e coerência.

Cada aluno é uma pessoa com “Nome” e características próprias e os Pais sabem que encontram na pessoa do respetivo Tutor alguém que conhece o seu filho e está pronto, diariamente, a dar-lhe as informações necessárias, elemento essencial para consolidar as bases de colaboração e entendimento entre a família e a escola.

Uma relação de abertura e de diálogo cria uma confiança progressiva na Direção, no corpo docente e nos funcionários que diariamente recebem os alunos e partilham com os pais uma parte da educação dos filhos.

Aprender tem por base o envolvimento do aluno para regular ações e alcançar objetivos. Estas competências, também fundamentais para assegurar a continuidade formativa para além da escola, desenvolvem-se em interações sociais e interpessoais.

É nesta perspetiva, que o acompanhamento tutorial destaca o papel do professor como mediador das aprendizagens. Atento às necessidades, potencialidades e expectativas dos alunos, estimula a utilização mais eficiente e motivada de competências e recursos, modela estratégias, atitudes e valores.

Para o aluno, este acompanhamento representa um espaço reflexivo de construção pessoal e social fundamental para a aprendizagem e para o seu desenvolvimento no sentido da autonomia e participação social.

Para a família, traduz-se em informação e orientação constantes que permitem capacitar os pais para ações que potenciem o percurso dos seus filhos.

Acompanhamento Tutorial é sinónimo de comunicação, interação e orientação, contributos essenciais para o desenvolvimento dos nossos filhos. São ações para a construção do futuro!

Fátima Duarte Encarregada de Educação

Ao longo destes 13 anos no Colégio sempre vi a escola como um segunda casa, não só pelo ambiente entre a comunidade escolar como pelo interesse e participação dos alunos nas várias áreas do saber. Sentir-me acompanhada não só por professores, que tem um carácter mais avaliativo, como também pelo coordenador, que por vezes nem é professor da turma, ao longo de tanto tempo deu-me segurança. Saber que temos alguém que acompanha o nosso trabalho nas várias disciplinas, que não nos conhece apenas pela nossa performance dentro das salas de aula, com quem esclarecemos dúvidas e desabafamos as nossas dificuldades ajuda-nos, enquanto alunos, a ter uma maior proximidade com a escola e não a encararmos como um mero espaço que temos de frequentar cinco dias por semana. Sentir que temos alguém que acompanha o nosso crescimento não só nível pessoal como também académico, no sentido em que se apercebe de eventuais descidas anormais no desempenho escolar, revela-se fundamental na relação escola – família.

Carolina Fonseca 12º1A

Na minha opinião, o acompanhamento tutorial torna-se importante especialmente, no Ensino Secundário. Quando um aluno passa do 9º para o 10º ano tem dificuldades na adaptação aos métodos de estudo e ao novo e desconhecido ambiente de trabalho. Este novo ambiente vai confundir os alunos e dificultar, no princípio, a organização do seu tempo. Claro que cada aluno é diferente. Mas considero que é importante saber que temos alguém, um tutor, que nos acompanha e nos ajuda, tanto no processo académico como em desafios e/ou atividades fora da escola, como certos projetos, concursos, etc.

Maria João Sancho 10º2

Na minha opinião, um dos mais importantes fatores que distinguem o Colégio Valsassina de outros estabelecimentos de ensino é o acompanhamento tutorial que recebemos no nosso percurso académico.

Todo o acompanhamento que nos é proporcionado é feito de forma individualizada, atendendo às características de cada um de nós, bem como às nossas necessidades e dificuldades, tanto a nível académico como pessoal. Ao longo do percurso escolar, deparamo-nos várias vezes com dificuldades e obstáculos que temos de ultrapassar e saber que a porta do gabinete do nosso coordenador está sempre aberta para aquilo que precisemos é incrivelmente importante não só enquanto alunos, mas enquanto pessoas.

No Colégio Valsassina, o objetivo não passa apenas pelo êxito escolar, mas também pela nossa formação pessoal, sendo a dimensão humana muito valorizada. Aqui, aprendemos a assumir responsabilidades e agir em conformidade com as escolhas e decisões que tomamos. Nesse sentido, os nossos coordenadores são os primeiros a felicitar-nos quando fizemos um bom trabalho, mas também os primeiros a “puxarem-nos as orelhas” quando não agimos da melhor forma.

O papel do coordenador é também facilitar a comunicação entre a família e a escola, já que a nossa educação passa por aquilo que nos é inculcado em casa e no Colégio. Esta relação próxima que existe entre o Colégio e a nossa família é essencial para o nosso sucesso e bem-estar, na medida em que nos faz sentir apoiados.

Assim, considero fundamental o papel dos coordenadores no nosso percurso académico. Todo o apoio que prestam e a disponibilidade que demonstram ajuda-nos a acreditar nas nossas capacidades e a atingir os nossos objetivos, não só académicos, como também pessoais.

Maria Carolina Gonçalves 10º2

“No Colégio Valsassina, o objetivo não passa apenas pelo êxito escolar, mas também pela nossa formação pessoal, sendo a dimensão humana muito valorizada. Aqui, aprendemos a assumir responsabilidades e agir em conformidade com as escolhas e decisões que tomamos.”

educar para a sustentabilidade



Uma Horta biológica a cargo dos alunos de 3 e 4 anos

“... a experiência direta de contacto com a Natureza (...) realça o bem-estar físico e vitalidade, expande a curiosidade e imaginação, aumenta a autoconfiança e autoestima, proporciona uma maior calma e paz interior...”

Dia a dia num mirante sobre a cidade

João Gomes Coordenador ecoValsassina/Eco-Escolas e SEA-UNESCO. Coordenador de Ano

Os sons da cidade quase não se ouvem, o chilrear das aves sobrepõe-se às buzinas e ao barulho dos automóveis. O ar parece mais limpo, as árvores centenárias e o sol fazem-nos sentir acolhidos.

Estamos em Plena Quinta das Teresinhas, onde está instalado o Colégio Valsassina. Esta é, de acordo com Frederico César de Valsassina, “*um mirante sobre a cidade e seus arredores numa das mais higiénicas e pitorescas regiões de Lisboa moderna*”.

É também dele a previsão de que “*o escondido solar, velhinho de mais de 200 anos, remoçará na alegria da mocidade e na proximidade de edifícios de linhas sóbrias*”.

Hoje este “Espaço-Quinta” é um reduto verde entre os prédios altos que crescem sem parar nesta zona da cidade que tem o Tejo por limite. Um Colégio/Quinta a convidar ao repouso, ao contacto com a Natureza, às atividades ao ar livre, ao equilíbrio, um antídoto contra o stress urbano.

É, sem dúvida, um privilégio poder, todos os dias, viver e sentir a natureza à nossa volta. Sobretudo nos dias de hoje, em pleno cenário de crise.

Na realidade, a profunda crise multidimensional que o mundo atravessa encontra-se próxima do ponto de ruptura. A questão ambiental constitui, por isso, de acordo com alguns autores, o pólo aglutinador das diferentes e inevitáveis transformações sociais. Por isso, é fundamental que os estudantes aprendam a refletir criticamente sobre o seu lugar no mundo e a questionar o que é que a sustentabilidade significa para eles e para as suas comunidades. Como tal, estudar num espaço – Quinta contribui de forma significativa para um crescimento saudável e equilibrado, sobretudo porque a grande ligação, e mesmo dependência, do homem com a natureza, que marcou os primórdios da humanidade, foi substituída gradualmente, desde a revolução industrial, por uma relação utilitária. Isto é, a Natureza, em vez de ser o principal recurso, como nas sociedades agrárias, passou a ser um entre vários bens disponíveis. Ao submeter a Natureza aos fins económicos, o homem relegou para segundo plano a necessidade primordial desta: a de se auto-renovar. Aquela tornou-se, cada vez mais, um factor inanimado dentro do cálculo económico, ignorando-se assim a importância do ambiente natural como espaço integral da existência humana.

Neste contexto a experiência direta de contacto com a Natureza revela potencialidades que as experiências indireta e simbólica não proporcionam. Para Kellert (1997) o contacto direto realça o bem-estar físico e vitalidade, expande a curiosidade e imaginação, aumenta a autoconfiança e auto-estima, proporciona uma maior calma e paz interior, e desenvolve uma perspectiva de conexão e unidade com a natureza, também ela vantajosa na valorização da cooperação, desenvolvimento da confiança pessoal e segurança, e inclinação para preservar a vida em geral. O apelo estético, o olhar científico e a ligação emocional à natureza potencializam ainda mais estas mesmas vantagens.

Crescer e aprender no Colégio Valsassina é sinónimo de trabalhar todos os dias tendo em vista um ideal que procura compatibilizar com a vida em sociedade, promovendo uma educação para a diferença, uma educação para a mudança, uma educação globalizante. Como tal, em vez de se constituir como “ilha”, procura-se ser um verdadeiro pólo integrador e dinamizador da realidade social e cultural envolvente, tornando assim o Valsassina um local de encontro da cultura mais formal com toda a informação ecológica, científica, política e cultural.



O espaço é aproveitado para a dinamização de atividades diversas, nas quais os alunos assumem o papel principal

“... em vez de se constituir como “ilha”, procura-se ser um verdadeiro pólo integrador e dinamizador da realidade social e cultural envolvente.”

Esta abordagem educativa privilegia um modelo holístico e “ecológico”, que enfatiza a realização do potencial humano e uma interdependência de bem-estar social, económico e ambiental.

Tal como Marques (2005), acreditamos que **é necessário ter um pensamento e forma de atuação que “não tenha medo de sujar as mãos no barro do quotidiano”**. E por isso, o Espaço/Quinta é o cenário ideal para inúmeras experiências de aprendizagem, recorrendo ao trabalho dentro e fora da sala de aula, utilizando o ambiente como recurso e integrando saberes e métodos de pesquisa de diferentes áreas disciplinares. Estas experiências educativas devem estar centradas nos alunos e ser estimulantes de questionamento reflexivo. Entre as atividades que frequentemente são realizadas no espaço-Quinta destacamos:

- Exploração da Quinta: os seus sons, as cores, os cheiros;
- Recolha de material diverso (por exemplo, folhas e ramos) para utilização em trabalhos;
- Estudo da biodiversidade existente e sua conservação (por exemplo, construção de ninhos e comedouros para aves);
- Conservação dos espaços (por exemplo, campanhas de limpeza, pinturas murais, identificação das espécies existentes);
- Utilização do espaço para a prática de jogos diversos (por exemplo: geo-caching e pedy-papers);
- Realização de compostagem de resíduos orgânicos provenientes do Espaço/Quinta (e estudo de todo o processo);
- Dinamização de uma horta (Jardim de Infância);
- Promoção de ensino experimental.

Desde a descoberta do funcionamento do Sistema Terrestre que os impactos sobre o ambiente abandonaram a escala local e alargaram as relações humanas à escala global. A assunção mundial de tal sistema significa a assunção da nossa interdependência global.

Educar para esta interdependência e construir os suportes organizacionais para esta inevitável dimensão global, é um dos maiores desafios com que a nossa civilização se confronta. Por tudo isto, estudar neste “Espaço/Quinta” é muito mais do que estar num reduto verde entre os prédios altos que crescem sem parar, é ter a oportunidade de estar no centro de uma visão sobre o papel de cada um na promoção do desenvolvimento sustentável e da cidadania.



A compostagem dos resíduos verdes do espaço-Quinta é uma das atividades realizadas ao longo do ano. Permite não só um olhar científico sobre este processo, bem como produzir composto que é usado na horta do jardim-de-Infância

**educar para
os valores**

“ O facto de ser um espaço amplo, recortado num relevo que quebra a monotonia da paisagem, dotada de árvores de grande porte, com espaços ajardinados, torna-a num lugar aprazível, não já dedicado aos trabalhos agrícolas e à criação de animais como tinha ocorrido até inícios do século XX, mas metamorfoseado agora como espaço educativo”

Que espaço-Quinta desejamos todos no Valsassina?

José Manuel Marques Coordenador de ano. Professor de Filosofia

Não é fácil determinar com rigor o que é um espaço quinta e que valências lhe são próprias. Citemos a definição do Dicionário da Língua Portuguesa da Houaiss: Uma quinta corresponde genericamente a uma propriedade rural com moradia, terreno próprio para agricultura ...

Procurámos obter mais algumas informações sobre a natureza das quintas e não obtivemos grande sucesso. Na verdade, diferentes propriedades, quer na sua tipologia, quer na dimensão são classificados como quinta.

Mas concretamente como se caracteriza esta quinta que é também a nossa casa?

Recorrendo às fontes citemos o antigo diretor do Colégio Valsassina, Mário Heitor. “A Quinta está situada como já disse na Azinhaga das Teresinhas, a 116 metros de altitude, dominando quase toda a cidade e arredores. Tem uma bela casa, grandes dependências agrícolas, 31 500metros quadrados de terreno e um campo de ténis...”

Ainda de acordo com a mesma fonte, ficamos a saber que a casa deverá ter sido construída há mais de 250 anos, fazendo parte do extenso conjunto de propriedades rústicas que rodeavam Lisboa e que alimentavam a cidade, sobretudo de frescos, numa tradição que remonta à ocupação árabe.

Em Novembro de 1948 a quinta passa para as mãos da família Valsassina. Em Outubro de 1950, após obras de adaptação, arranca a funcionar letivamente com a designação de Colégio de Susana de Valsassina.

O facto de ser um espaço amplo, recortado num relevo que quebra a monotonia da paisagem, dotada de árvores de grande porte, com espaços ajardinados, torna-a num lugar aprazível, não já dedicado aos trabalhos agrícolas e à criação de animais como tinha ocorrido até inícios do século XX, mas metamorfoseado agora como espaço educativo, onde a par das lições de Português, Matemática e de História os jovens tem oportunidade de se recrearem num sítio espaçoso, arejado e onde é possível sentir o odor à terra húmida e a eucalipto. Podem-se ter aulas de Educação física neste ambiente privilegiado, mas também de Desenho livre, ciências ou até de Filosofia.

É tocante ver o orgulho que os nossos alunos sentem quando entram no 2º ciclo e podem usufruir da quinta sem a supervisão direta de um adulto. É como se fosse uma espécie de promoção.

E é neste sentido que dificilmente se entende alguns comportamentos que ainda que não generalizados, vão deixando a sua marca. Pontualmente, temos vindo a observar que há alunos nossos que qui e ali vão deixando vestígios indesejáveis da sua passagem pelas áreas da quinta: Embalagens vazias, sacos de plástico e até restos de comida. O problema verifica-se sobretudo no intervalo do almoço e do lanche.

E não há-se ser à falta de caixotes de lixo ou das campanhas de sensibilização, para manter a nossa a quinto colégio limpa. A esse propósito relembro o inspirado slogan de uma antiga Associação de Estudantes do Colégio Valsassina: A quinta limpa tem outra pinta.

Não se coloca aqui em dúvida que os nossos alunos têm um enorme afeto e respeito pelo espaço quinta. Ocorre, contudo, que por vezes descuidamos o que mais estimamos, como se fosse algo inamovível, dado como certo no nosso mundo afetivo.





* Excertos de conversas em que o irmão mais velho relata, descreve, a “Quinta” ao irmão recém chegado ao 1º ciclo.

“Estamos mais à solta.”

Pedro para a Sofia S.

“É um espaço verde. É um espaço enorme! Podemos jogar às escondidas, escondermo-nos atrás das ervas e das árvores.”

João para o Diogo A.

“É mais dedicado à ciência. É maior, mais calmo e mais dedicado ao desporto. Tem menos gente. Temos mais liberdade.”

Martim para a Mariana C.

“Podemos explorar. Brincamos às escondidas, há mais escondijos.” **Francisco para a Assunção C.**

Testemunho de alunas mais velhas, já no 11º ano.

“Espaço aberto, rampas enormes. Ficávamos todos sujos. Era muito divertido!” **Carolina Viana e Carlota Ferreira**

Sem cair em moralismos simplistas, gostaríamos de sensibilizar os nossos alunos, sobretudo o pequeno número que pontualmente assume este comportamento a lembrar-se que o lugar dos lixos é no caixote do lixo. Se cada um de nós, nos dermos a esse cuidado teremos o retorno de usufruir de um espaço que para ser perfeito, apenas lhe falta que cuidemos dele na perfeição. Ganharemos todos em higiene, conforto e sentido estético.

Termino, em jeito de homenagem invocando o vivo de um querido diretor que já não está entre nós, o inesquecível Dr. Frederico Valsassina que ficava de tal modo incomodado sempre que via um espaço sujo que ao invés de o mandar limpar, era ele próprio que apanhava os papéis do chão como se a visão de um pedaço da sua querida quinta conspurcada lhe fosse insuportável. Se o Dr. Frederico Valsassina na altura, a autoridade máxima do colégio, o fazia como não havemos nós de o de o fazer, professores, alunos ou funcionários?

É esse repto que deixo à comunidade educativa: vamos cuidar dos espaços que são de todos. Será a melhor homenagem à memória do Dr. Frederico e o melhor serviço que podemos prestar a nós próprios.

Vamos à “quinta”

Maria José Corucho Auxiliar de Educação

Ao longo de todo o ano, mas sobretudo quando o tempo está melhor, os alunos do 1º ciclo perguntam quase todos os dias se vão para a quinta e quando vão.

É uma alegria quando anunciamos que “Vamos à quinta”! Ouve-se gritar “quinta, quinta...”

Descem a rampa em correria como se a quinta lhes fugisse. Ao longo do ano perguntam quase todos os dias se vão para a quinta e quando vão.

Uns alunos preferem ficar no recreio. Alguns (poucos) por medo (já houve quem achasse que era perigoso por ter ouvido dizer que lá havia cobras), outros porque o recreio fica quase vazio, havendo assim mais espaço para as suas brincadeiras.

Brincam à apanhada e às escondidas*, comem “azedas”, fazem escavações como se fossem arqueólogos, encontram fósseis, partem à descoberta de tesouros. Chego a dizer-lhes que ainda chegam à Austrália, tal é o tamanho dos buracos. Escorregam nas pequenas rampas de terra como se fossem guerreiros numa luta em que todos são heróis.

Outros preferem o futebol, aproveitam a oportunidade de jogar num campo “a sério”, com “balizas verdadeiras”, o que os faz sentir verdadeiros profissionais.

Histórias e aventuras sem fim tal como a imaginação deles.

Vejo bem o que representa ir à “Quinta”, quando, na hora da saída, ouço dizer com entusiasmo, e num tom elevado a quem os vem buscar: “Hoje fomos à quinta!”

educar com os sentidos

Aprender com os sentidos

Educadoras de Infância

“O meio em que vivemos não é apenas para ser visto, mas para ser tocado, cheirado, ouvido e degustado”

O meio em que vivemos não é apenas para ser visto, mas para ser tocado, cheirado, ouvido e degustado, e a escola é um dos ambientes em que, por um lado, as crianças podem ter essas percepções de como explorar o mundo por meio do corpo e dos cinco sentidos; por outro, entender o que os diversos objetos que fazem parte desse mundo têm de diferente ou de comum.

Assim, trabalhar com crianças de idades compreendidas entre os 3 e os 5 anos pressupõe o desenvolvimento de atividades que promovam experiências sensoriais, motoras, linguísticas e exploratórias.

A criança vai aprendendo e desenvolvendo-se através das suas experiências diárias. Nestas idades, as rotinas e o tempo de exploração livre são experiências de aprendizagem determinantes no crescimento individual.

Aprender com os sentidos revela-se assim fundamental na forma como cada criança se vai adaptando ao meio que o rodeia, começando a construir o seu conhecimento do mundo e de si próprio.

Apresentamos nesta edição da gazeta algumas experiências de aprendizagem em que os alunos de 3 a 5 anos são os principais atores.



3 ANOS

Na sala dos 3 anos, quando chegou o outono fomos explorar à nossa quinta. Vimos folhas presas às árvores e outras a cair. Cheirámos, pisámos e atirámos-las ao ar. Recolhemos cheirinhos, pauzinhos e folhas de diferentes formas e cores para fazer uma colagem coletiva. Aprendemos muito bem as cores do outono. Fomos para o nosso atelier e, todos juntos, criámos uma verdadeira obra de arte!

4 ANOS

As aulas de 4 anos experimentaram, viram, sentiram e criaram... Passearam no jardim tropical, sentiram o barro no atelier... Trabalharam com carvão e sentiram os cheiros, as texturas e sabores de outono...



5 ANOS

Colagem livre de elementos da natureza... Após a recolha de elementos da natureza, no Jardim Tropical, foi realizado um trabalho de colagem coletiva com a finalidade de construir uma árvore de outono para colocar na sala de aula.



Visita ao Jardim Tropical... Primeira saída, com o objetivo de observar a natureza e fazer uma recolha de elementos da natureza, que caracterize a estação do ano em que nos encontramos-outono.



Brincadeira livre na “área do jogo simbólico”... Momento de expressão dos momentos de vida prática e de imitação de situações do quotidiano. O “faz-de-conta” permite simbolizar vivências significativas da vida da criança de uma forma lúdica.

Pintura livre com têmperas... Forma de expressão e representação de emoções e gostos através das cores e das texturas. Momento de partilha e cumprimento de regras de convivência em espaço de “atelier”.



Digitinta
Momento de sentir, misturar e produzir novas cores, através do tato. Um trabalho individual enriquecido pela partilha com os outros colegas.

educar para a leitura e para a cultura

“Mais do que transmitir conhecimentos, o professor ensina a pensar antes de agir, para que o aluno possa vir a fazer as melhores escolhas em cada situação.”

Entrevista com a escritora Maria Teresa Maia Gonzalez

Maria Teresa Maia Gonzalez, licenciada em Línguas e Literaturas Modernas, co-autora da coleção "O Clube das Chaves", da qual já se publicaram 21 volumes, é autora de inúmeras outras obras, incluindo vários títulos premiados. "A Lua de Joana", o seu maior sucesso editorial, já conta com 16 edições e 220 000 exemplares vendidos. O seu livro, "O Pai no Tecto", tem sido igualmente bem recebido pelos jovens leitores e professores.

É uma das mais vendidas e prestigiadas autoras portuguesas de livros dedicados a crianças e jovens adolescentes.

Apresentamos nesta edição da Gazeta uma entrevista com esta escritora que, nos últimos anos, tem passado várias vezes pelo Colégio Valsassina em encontros com alunos e professores.

O que representa para si ser escritora?

Para mim, ser escritora é, antes de mais, pôr a render os dons que Deus me concedeu para esse efeito. Tenho procurado cumprir essa missão que abracei com muito entusiasmo, há vinte e cinco anos. Poder chegar a leitores que, de outro modo, jamais contactaria é um privilégio que vou tentando merecer em cada livro.

Qual foi o livro que mais a marcou como leitora?

Em cada idade, houve livros que me marcaram. Na adolescência, por exemplo, foram os livros da autoria de José Mauro de Vasconcelos, Saint-Exupéry, Júlio Verne, entre outros. Na idade adulta é, sem dúvida, o Evangelho de S. João, onde encontro a extraordinária e transformadora história do Amor de Deus por cada um de nós, escrita por quem conviveu de perto com o próprio Cristo – rosto divino do Homem, rosto humano de Deus! Toda a Bíblia tem episódios fascinantes com os quais cada um pode aprender a mudar a sua vida, dando-lhe um novo sentido.

Qual foi o livro que mais gostou de escrever?

Costumo dizer que o livro que mais gostei de escrever é aquele que estou a escrever no momento, porque a todos me dedico apaixonadamente e em cada um faço uma aprendizagem que me ajuda a crescer interiormente e a ter uma visão mais lúcida e abrangente de mim mesma e do mundo que me rodeia.

Já teve vários encontros com alunos do Valsassina. Qual tem sido a receptividade destes jovens sobre os seus livros?

Até agora, os meus contactos com os alunos do Colégio Valsassina (que foram vários), foram sempre estimulantes para mim. Encontrei, junto de professores e alunos, um clima propício à reflexão e ao diálogo. Saliento o excelente acolhimento que me tem sido feito por parte da senhora professora bibliotecária, Dra. Sofia Santos, dos professores mais diretamente envolvidos em cada uma das sessões para que fui convidada, e dos alunos participantes.

Maria Teresa Maia Gonzalez destaca-se definitivamente de outros autores. Os seus livros pretendem levar os leitores a refletir, a imaginar. As ideias não estão explícitas nas palavras, temos de as descobrir.

Mariana Martins, 8º B

Com *A Lua de Joana*, Maria Teresa Maia Gonzalez leva-nos a viajar num mundo de palavras que abordam assuntos atuais e comuns à vida de um adolescente. A linguagem clara e o vocabulário acessível incentivam à leitura.

Rita Marques, 8º B

Nas histórias que Maria Teresa Maia Gonzalez nos conta, aborda assuntos comuns e de interesse social. Através de uma linguagem objetiva e direta, partimos à descoberta e ao encontro de personagens fascinantes, com personalidades admiráveis.

Margarida Rodrigues, 8º B

Maria Teresa Maia Gonzalez escreve histórias cativantes que nos fazem refletir sobre assuntos reais, como a toxicodependência e a morte. Nos seus livros, a autora aproxima-nos do verdadeiro mundo dos adolescentes.

Maria Figueiredo, 8º A

Testemunhos recolhidos na disciplina de Português, sob a orientação da professora **Paula Gonçalves**.

**A escritora num encontro
com alunos do Valsassina**

Ao longo da sua vida já teve a possibilidade de dar aulas. O que é para si ser professor?

Para mim, ser professor é abraçar uma das profissões mais interessantes. Foi a profissão da minha mãe (na área da Matemática) e também a que escolhi e exerci durante quinze anos, só a deixando para me dedicar mais à escrita, que se tornou cada vez mais absorvente. Um professor assume sempre uma enorme responsabilidade, pois dar o exemplo não é a melhor forma de educar, é a única! O professor ajuda a descobrir as capacidades individuais e aponta caminhos para que elas sejam desenvolvidas. Tem um papel muito importante no processo da estruturação do pensamento e na aquisição e consolidação de valores (espirituais, éticos, culturais, estéticos) que nortearão a vida de cada aluno. Mais do que transmitir conhecimentos, o professor ensina a pensar antes de agir, para que o aluno possa vir a fazer as melhores escolhas em cada situação. Não creio que haja profissão mais relevante para a sociedade!

Quer deixar alguma mensagem aos seus leitores?

A mensagem que aqui deixo é a de que espero que toda a Comunidade Educativa do Colégio Valsassina tenha um ano letivo muito positivo ao nível dos resultados e, sobretudo, ao nível do crescimento individual e do fortalecimento dos laços entre todos. Creio que o Colégio Valsassina (onde já estudaram a minha sogra, o meu marido e três dos meus irmãos) continuará a lutar por um ensino de excelência, e é reconfortante sabê-lo!

Para todos, o meu abraço amigo!

Maria Teresa Maia Gonzalez



**educar para
a língua materna e
para a criatividade**

**“Uma fábrica
de histórias é
um local onde se
criam histórias e
fabricam ideias.”**

Catarina Marques 6^oC

Projecto “Fábrica de Histórias”

Mónica Silva Professora de Português

“Criar um livro a várias mãos” foi o desafio proposto pela Livraria Cabeçudos.

Com o “Fábrica de Histórias”, pretende-se que os alunos participem num processo de criação de um livro, com todas as potencialidades que este lhes oferece. A transversalidade deste projeto e a formação que é oferecida aos nossos alunos são a sua grande mais-valia. **Desenvolver competências em áreas como a escrita, a ilustração, a dramatização, a animação, o conto, a música, a tradução, são razões mais do que suficientes para o colégio ter abraçado este projeto.**

O “Fábrica de Histórias” terá várias fases, que serão trabalhadas em diversas disciplinas. A primeira tarefa, já terminada, foi a da escrita. Depois de um workshop de escrita criativa, onde os alunos desenharam e, a partir dos seus desenhos, criaram uma história, foi escolhido o texto a trabalhar. Todas as turmas do 6^o ano se empenharam para que esta história se tornasse de todos, esbatendo, assim, o papel da autoria e fortalecendo os laços entre os alunos. Passou-se ao “Revê-me Histórias”, que consistiu no enriquecimento e desenvolvimento da narrativa. Temos a primeira fase concluída.

Seguem-se, agora, outras tarefas: ilustrar, paginar, animar, contar, editar, dramatizar, traduzir, cantar, expor, lançar o livro.

No fundo, este é um projeto que nos faz crescer a todos, alunos e professores. Todos passamos a ser autores, leitores, ouvintes e dinamizadores. Resta-nos, no final de todo este processo, contar com a colaboração e o apoio absoluto de todos os pais e familiares. Só assim este projeto terá sucesso.

E porque os alunos são a voz desta escola, deixo os comentários daqueles que já participaram na primeira fase do projeto.



Comentários sobre a tarefa "Escreve-me histórias"

"É bom para os alunos verem como é bom escrever e poderem "abrir" e exprimir os seus sentimentos. Além disso, a criatividade, nestas ocasiões, é a melhor ferramenta que precisamos para escrever."

"(...) aprende-se a trabalhar em conjunto e, ao mesmo tempo, treinamos a escrita."

"Inspiro-me nos livros que li, acontecimentos vividos, filmes e até paisagens."

"Este projeto foi desenvolvido a partir da imaginação de todas as turmas."

"(...) é criativo e divertido."

"(...) reinventamos histórias através da escrita."

"Uma fábrica é o sítio onde se produzem histórias."

"Um texto, para estar bem escrito, precisa de ser escrito e reescrito, lido e relido..."

"(...) ajuda-nos a melhorar a escrita, a elaborar melhor as frases e a colocar os sinais de pontuação nos respetivos lugares."

"(...) melhora a nossa capacidade de escrever."

"(...) aprendemos a respeitar a opinião dos outros."

"(...) também ajuda a melhorar a relação com os colegas de turma."

"(...) é um projeto engraçado e muito útil para a aprendizagem dos alunos."

"Aprendi a construir um texto. Nunca tinha imaginado que fosse tão fácil."

"Este projeto ensinou-me que há muita coisa relacionada com a escrita, como os desenhos. Ensinou-me, também, mais maneiras de eu arranjar ideias para escrever um texto."

"Este projeto oferece criatividade, estimula os pensamentos, faz-nos querer fazer mais."

"(...) ofereceu-nos a capacidade de trabalhar em grupo."

"(...) faz-nos ter a sensação de sermos escritores (...)"

"Dá asas à nossa imaginação (...)"

"(...) adquirimos conhecimentos sobre a escrita nunca adquiridos, aprendemos a escrever melhor e dão-nos a oportunidade de escrevermos uma história."

"Eu acho que este projeto é muito importante, mas que não funciona se não trabalharmos em grupo; sem trabalho de grupo seria como a fertilização da terra sem adubo ou comer cereais sem leite!"

" (...) ajuda a perceber como é preciso trabalhar muito para conseguirmos o que queremos."

"Quando escrevo sinto que posso fazer parte de outro mundo (...)"

"(...) às vezes, uso a escrita como desabafo."

"(...) sinto ideias a entrar e a sair da cabeça."

"Quando escrevo, penso que estou dentro da história."

"Sinto que posso escrever o que quiser com a minha imaginação."

"Sinto-me livre."

"(...) somos nós que controlamos o que as personagens querem fazer, pensar ou sentir."

"O que me inspira é a minha vida."

"O segredo de escrever é reescrever. Para mim, esta expressão significa que, até chegarmos ao final definitivo de uma história, é preciso corrigir tudo o que não soa bem e os erros ortográficos. Rer e reescrever vezes sem conta."

Alunos do 6ºA, B e C

"Eu sinto uma felicidade imensa, pois podemos expressar as nossas ideias e criar personagens que gostaríamos de ser (...)"

educar para o pensamento autónomo

Crescer e aprender com a Filosofia

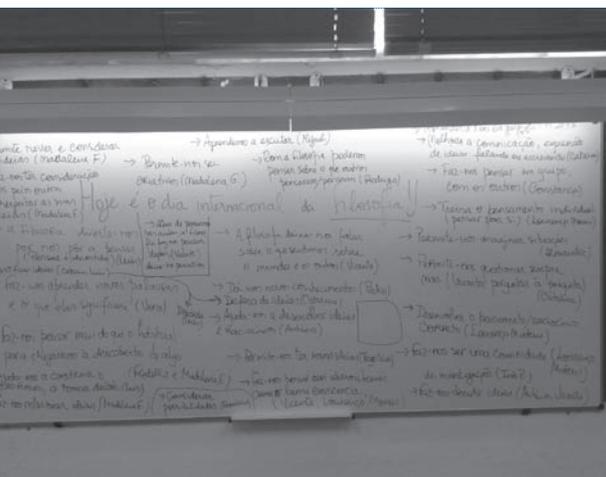
Cláudia Viana Professora de Filosofia para Crianças e de Filosofia

Crescer e aprender na Quinta das Teresinhas – Colégio Valsassina é sinónimo de formação humanista e nela se compreende, entre outros, o contacto desde a infância com a Filosofia. O cultivo do pensamento autónomo, a prática reflexiva da discussão de problemas e da construção conceptual, o pensamento criativo e o pensamento cuidadoso traduzem-se no espírito de comunidade de investigação que as aulas de Filosofia para Crianças fomentam e acionam.

Celebrando o Dia Internacional da Filosofia, nas aulas de Filosofia para Crianças do dia 21 de novembro, os alunos das turmas 3^oC e 4^oA refletiram a questão “Como a Filosofia acompanha o nosso crescimento enquanto pessoas e alunos?”

Seguem-se as suas reflexões sobre o papel desta disciplina nos caminhos traçados e em construção dentro do espaço escolar e fora dele:

- Treina o pensar por nós mesmos. (Lourenço Morais 3^oC)
- Despertou-nos a atitude de questionamento. (Catarina Silva 3^oC, Margarida Casimiro e Glória Ferreira 4^oA)
- Ajuda-nos a raciocinar corretamente/logicamente. (Lourenço Mateus 3^oC, Laura Fernandes 4^oA)
- Leva-nos a clarificar os raciocínios. (João Henriques 4^oA)
- Faz-nos pensar um problema de forma completa. (Francisco Magalhães e Afonso Figueira 4^oA)
- Incentiva-nos a relacionar palavras e ideias para descobrir respostas. (Frederico Mauritty e Madalena Filipe 3^oC, Carlota Mascarenhas e André Matos 4^oA)
- Faz-nos pensar os textos para lá do que dizem. (Teresa Coelho 4^oA)
- Com a Filosofia aprendemos e refletimos novas palavras e os seus sentidos possíveis. (Vera Leitão 3^oC, Maria Felner 4^oA)
- Faz-nos ser criativos e inventivos. (Madalena Guerlixa 3^oC, Maria Cunha e Beatriz Vieira 4^oA)
- Dá-nos a novos conhecimentos. (Pedro Pinto 3^oC e Rita Botelho 4^oA)
- Deixa-nos expressar o que sentimos e pensamos sobre nós, sobre os outros e sobre o mundo. (Vicente Silva 3^oC)
- Faz-nos compreender que existem outras perspetivas além da nossa. (Rodrigo Rau 3^oC, Tiago Mesquita 4^oA)
- Possibilita a troca de ideias. (António Amador 3^oC, Teresa Coelho e Francisco Costa 4^oA)
- Fez-nos perceber que é importante justificar o que dizemos quando defendemos uma ideia ou quando discordamos de alguém. (Luís Almeida e Catarina Silva 3^oC)
- Mostrou-nos que discutir é dialogar, falar com os outros e ter consideração pelo que dizem. (Glória Ferreira, Frederico Pinto e Tiago Mesquita 4^oA)
- Fez-nos perceber que, ao considerar as ideias dos outros, podemos complementar ou rever as nossas ideias. (Madalena Filipe 3^oC, Maria Garção 4^oA)
- Ensinou-nos que trabalhar em grupo é escutar e pensar com os outros. (Miguel Pires e Constança Silva 3^oC)
- Leva-nos a pensar em temas importantes para as relações com os outros, como a consciência moral. (Lourenço Morais e Vicente Silva 3^oC)
- Faz-nos levantar e explorar hipóteses e alternativas. (Francisco Dias e Alexandre Pinto 3^oC) que depois de pensadas nos ajudam a tomar decisões e a construir o futuro. (Luís Almeida 3^oC)
- Faz-nos tomar consciência da importância de cuidar as relações que temos com os outros e com o meio. (Maria Garção, Teresa Coelho e Frederico Pinto 4^oA)



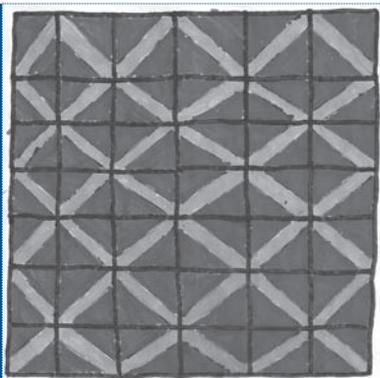
“Treina o pensar por nós mesmos”

Lourenço Morais 3^oC

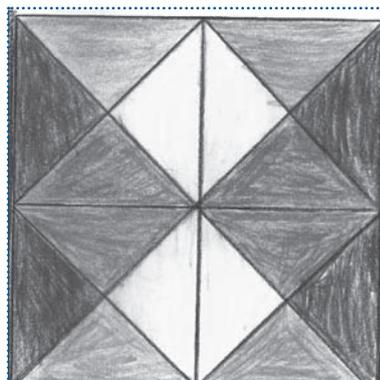
educar para a observação e reflexão

Sensações, descobertas, conhecimentos: o valor das exposições

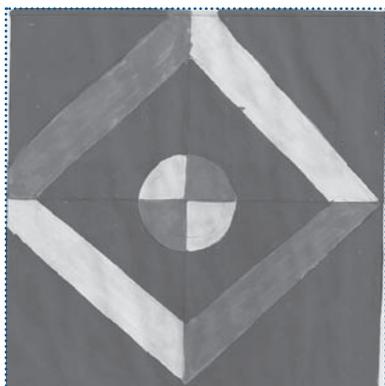
Madalena Alves¹ e Antónia Mascarenhas² ¹Coordenadora do 1º ciclo. ²Professora do 1º ciclo



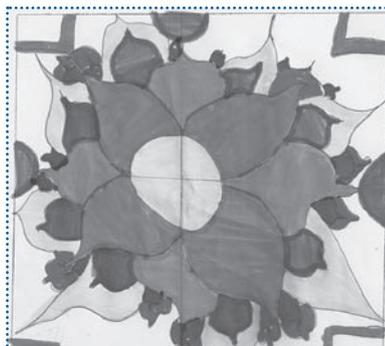
Trabalho de Mery Lara, 4ªA



Trabalho de Francisco Reis, 4ªB



Trabalho de Catarina Silva, 3ºC



Seguindo práticas que desde há muito norteiam o projeto educativo do colégio, os alunos do 1º ciclo têm estado a visitar a exposição temporária “O brilho das cidades. A rota do azulejo.”

«Minerva convida a entrar nesta fascinante viagem pelo mundo do azulejo, símbolo da nossa identidade e arte maior que une oriente e ocidente. Quase duas centenas de peças vindas de toda a parte, mostram a diversidade de culturas e diferentes épocas.

Seguir esta rota do azulejo é descobrir a geometria, a heráldica, a representação da natureza ou do quotidiano, o valor da mitologia.

O brilho das cidades... em todo o seu esplendor.»

Este foi o convite lançado pela Fundação Calouste Gulbenkian. Em pequenos grupos os alunos têm vindo a ser guiados por este universo para muitos completamente desconhecido ou, pelo menos, inexplorado.

As suas reações são diversas, a forma como olham, o que veem e a sensibilidade face às sensações vividas. Uns seguem atentamente as explicações da guia, outros centram-se na observação de pormenores, outros ainda olham mais superficialmente, dispersam-se, recentram-se esporadicamente. Observá-los ajuda a conhecê-los fora do espaço escola, noutras dimensões. Surpreendem os que entram a fundo na descoberta do azulejo, seja pela sua beleza, pela sua história ou pelas mensagens que veiculam.

Mais tarde, na escola, reflete-se sobre esta experiência. Situámo-nos nas turmas do 4ºano, fazendo um pequeno levantamento do que foi vivenciado. É nossa intenção dar-vos conta de diferentes abordagens e da intencionalidade pedagógica subjacente à forma como estes professores deram continuidade à visita.

Uma das professoras explorou sobretudo o despertar de sensações decorrentes da visita a uma exposição, independentemente da sua temática.

P – O que sentiram quando saíram da exposição?

“Senti que aprendi.”

“Diverti-me.”

P – Ainda bem que sentiram que aprenderam e que se divertiram. Mas para que acham que serve uma exposição?

“Serve para ter mais informações sobre as coisas.”

“Descobrir coisas novas.”

“Mais cultura.”

“Para conhecermos coisas de outras alturas, de outros tempos.”

P – Vimos tanta coisa diferente, não foi? Perceberam que vieram peças de outros museus? Se não tivéssemos ido a esta exposição não tínhamos visto, assim, tão facilmente, azulejos que estão noutros museus. Se calhar nem nunca os iríamos ver...

Trabalho de Madalena Guerliza, 3ºC

Uma das intenções da professora é que os alunos valorizem a visita a exposições, nomeadamente as temporárias, na medida em que facilitam o contacto com peças dispersas geograficamente. De uma forma bastante prática e económica, possibilitam-nos o acesso a um património cultural que, apesar ter origem em épocas ou sociedades distintas, de alguma forma pertence a toda a humanidade.

Outro dos seus propósitos é que, ao sair de uma exposição, os visitantes tenham adquirido os conceitos gerais associados à temática exposta mas, sobretudo, que o que viram tenha despertado neles sensações. O paralelismo é estabelecido com uma obra de arte, seja qual for a forma de expressão utilizada: mais do que transmitir informação ou passar uma mensagem muito concreta, a sua principal função é tocar de alguma forma quem com ela se cruza.

Como se de sementes se tratassem, as sensações provocadas pelas peças observadas, podem motivar outras abordagens, umas mais sensoriais, estimulando a experimentação...

P – Alguém, depois desta visita, modificou a ideia que tinha ou o que sabia sobre os azulejos?

“Antes de ir à exposição pensava que os azulejos tinham que ter sentido, mas depois percebi que se podia fazer o que se quisesse. Vi um [painel] que achei que não tinha sentido porque as peças estavam espalhadas, era difícil uni-las e fazer qualquer coisa. Tinha bolas de cores diferentes, números e formas muito diferentes.”

P – E qual foi a tua impressão, o que sentiste?

“Senti que aquele artista queria brincar com as cores e as formas.”

“Podemos aplicar as técnicas que vimos no museu na aula de pintura. Podemos fazer desenhos em azul e branco.”

... outras mais cognitivas, estimulando o aprofundamento do tema:

“Os azulejos hoje em dia são feitos em fábricas, são industriais. Mas os que vimos na exposição foram feitos pelos artistas.”

P – Eram todos feitos por artistas? Só fazia azulejo quem era artista?

“Não, também fazia o aldeão (risos). Ai, não, o artesão!”

P – Então qual é a diferença entre artista e artesão?

“O artesão faz à mão.”

“O artista também faz!”

P – Quem tiver um quadro lá em casa, há de procurar se nele encontra a assinatura do autor. É que, enquanto o artista identificava as suas peças, o artesão em geral não as identificava, as suas peças eram anónimas. O trabalho dos artesãos nem sempre foi valorizado.

“Vimos um azulejo antigo só com a divisa de D. Manuel, a esfera armilar. Já no fim vimos um painel daquele artista [referiria-se a Querubim Lapa] que também tinha a esfera armilar, mas que estava assinado, sabemos quem fez.”

Nas palavras desta criança transparece a sua compreensão de que a pintura do azulejo, ainda que feita à mão por alguém, pode ter diferentes funções. Neste caso o mesmo objeto, a esfera armilar, foi representado para identificar e datar construções de uma determinada época nuns azulejos, mas como motivo de um trabalho artístico noutros.

Mais adiante na conversa, a chamada de atenção para a cor: “No Egito os azulejos eram diferentes.”

“Havia nas pirâmides que estavam nas salas dos reis mortos.”

P – Pois é. Lembram-se de termos visto uns que tinham uma cor azulada, azul esverdeado... Lembram-se porque tinham essa cor?

“Eram selos.”

P – Havia uns que eram selos, mas esses serviam para quê?

“Para saber se alguém entrava lá ou não.”

P – Pois é. Mas agora estou a falar nuns de forma retangular... de um azul, assim, luminoso, esverdeado...

“Ah, pois era, faziam lembrar a água!”

P – E porque seria que os egípcios queriam representar a água?

“Porque no Egito há pouca água, faz muito calor. E eles queriam fazer de conta que era um sítio com água, porque era mais fresco.”

P – Queriam representar um oásis, o azul lembrava a água, o verde as plantas. São cores frias...

Outra professora orientou a conversa lançando questões. A sua intenção era promover a tomada de consciência do conhecimento adquirido: o que aprendemos ou descobrimos? Como podemos aplicar o que vimos no nosso dia-a-dia? Ao longo da conversa que assim se iniciou, podemos encontrar muitos dos tópicos presentes no convite inicial: seguir esta rota do azulejo é descobrir ...

... a geometria

“Há azulejos de figura avulsa e há os que formam padrão.”

“[Para fazer um padrão] fazia-se um molde, depois faziam-se muitos azulejos iguais. A seguir, como se fosse um puzzle, montavam-se [num painel]. Tinham que se rodar para formar simetrias. Descobrimos alguns com simetrias de reflexão...”

... a heráldica

“Os azulejos ajudam a identificar as casas pelos brasões.”

... a representação da natureza ou do quotidiano

“Gostei dos que tinham muitas flores, só flores... Eram tão giros!”

“Havia um que tinha uma festa.” [referência à representação da festa La Xocolatada].

... o valor da mitologia.

“os azulejos transmitem mensagens. Vimos um painel com a lenda do Bahram da Pérsia. Tinha um vitelo a subir escadas para ficar mais forte. A moral dessa lenda é que para tudo na vida é preciso treino, é preciso treino para atingir os nossos

objetivos.”

“Os pássaros representados nos azulejos eram importantes porque estavam mais perto de Jesus.”

“E havia uns com anjos.”

“É! Eu pensei que o que estava à entrada era o S. Miguel Arcanjo, tinha uma lança. Mas afinal era outra coisa, já não me lembro.” [Minerva, deusa romana].

Alguns alunos foram sensíveis a aspetos culturais importantes de outros povos:

“Nalguns azulejos pintavam-se letras. Havia uma lei de um país que não deixava representar imagens.”

“Pois era. Só os deuses podiam fazer desenhos, então as pessoas só escreviam.”

“Também vimos escritas com letras diferentes. Não se percebia nada, mas eram muito bonitas.”

“Acho que umas eram poesias, não era?”

Uma turma foi levada pela sua professora, a certa altura, a estabelecer ligações entre algumas das características observadas nos azulejos e os conhecimentos de história e outros conteúdos já trabalhados na escola. Esta oportunidade surgiu quando alguém fez referência às simetrias presentes em frisos ou painéis em que se descobria um padrão.

P – Quem é que teve grande influência nos azulejos que depois se fizeram em Portugal?

“Foram os muçulmanos.”

P – Boa. Foram eles que trouxeram uma grande variedade de azulejos para a Península Ibérica. E em que área eram os muçulmanos muito bons?

“Na matemática.”

P – Na matemática, muito bem. E cá está: todos estes desenhos que fizeram com rotações, com translações, com simetrias de reflexão tipo espelho, eles explicavam também os seus símbolos matemáticos, os seus símbolos químicos ou outros, ligados às ciências que estudavam. E nós até podemos ver azulejos que tinham fórmulas...

“Eram os azulejos didáticos.”

P – Pois é. Eram azulejos que pareciam quadros, que serviam para decorar, neste caso os laboratórios, por isso explicavam alguma coisa relacionada com o que se fazia nesse laboratório.

(...)

P – E as cores? Porque é que há um tipo de azulejos que tem muitas mais cores que outros?

E na conversa que se seguiu os alunos lembraram os povos com que os portugueses contactaram na sequência dos descobrimentos, nomeadamente o indiano, cujos produtos comercializados incluíam os tecidos tingidos com cores resultantes de pigmentos até então desconhecidos na Península

Ibérica. Por associação de ideias chegou-se à razão do uso tão sistemático apenas do azul sobre o branco, cor base do azulejo. Fez-se a ligação às porcelanas da Ásia, que os portugueses tanto admiravam e tentaram imitar no azulejo.

Hoje em dia, qualquer pessoa que queira aprofundar conhecimentos sobre determinada temática tem acesso fácil a um manancial de informação, nomeadamente através da internet. Despertar a curiosidade e alargar o leque de interesses é uma das funções das exposições, que cada indivíduo desenvolverá em função das suas motivações e características pessoais. Muito possivelmente estes alunos vão olhar para os azulejos, a partir de agora, com outros olhos.

Estas professoras, de forma bastante distinta, ajudaram a transformar informação em conhecimento. A crer pelo entusiasmo com que as crianças participaram nas conversas a que assistimos, também alimentaram bastante o prazer de aprender. Sendo o azulejo identificado como um dos símbolos da nossa identidade, viajaram com os alunos um pouco pelo passado, aprofundaram e fortaleceram as nossas raízes enquanto povo.

Com este tipo de visitas de estudo pretende-se que os alunos não retenham apenas a parte mais imediata da contemplação, mas que consigam aprendizagens mais latas e transversais quer às suas aprendizagens escolares, quer ao seu enriquecimento pessoal, cultural e artístico. Ao ampliar deste modo uma visita de estudo estamos a contribuir para um equilíbrio – indispensável à educação de hoje – entre a emoção e a cognição.

Terminamos com um desafio: sabe qual a origem da palavra azulejo?

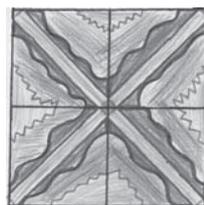
Hipótese A – Deriva da palavra Persa lazward, mais tarde azul, que significa pedra.

Hipótese B – Deriva da palavra latina azul, cor mais utilizada nos azulejos tradicionais portugueses, devido à influência das porcelanas da China.

Hipótese C – Deriva da palavra Árabe az-zulajji, que significa pedra lisa.

Um dos desafios colocados aos alunos na sequência desta visita foi desenhar o que lhes parecesse que poderia originar um padrão. Alguns deles ilustram estas páginas.

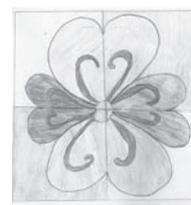
Salvador Macedo 4ºB



Inês Mateus 3ºC



Leonor Aires 3ºB



educar para as artes **A importância do meio no processo de desenvolvimento artístico**

João Gonçalves Professor do grupo de artes visuais

De acordo com os relatos históricos existentes, a expressão humana revelada através do desenho, da pintura, ou mesmo da gravura e escultura, é das práticas artísticas mais antigas e primitivas. Sendo que mesmo antes de se inventar qualquer tipo de código linguístico, já o homem revelava necessidade de expressão através da representação gráfica.

Desse ponto de vista, é interessante verificarmos a precisão que qualquer criança apresenta em representar graficamente algo, mesmo antes de saber falar e/ou escrever. Sendo muitas vezes comum observamos crianças de tenra idade a desenhar com os dedos na areia molhada da praia, ou a pegar (ainda com dificuldade) num lápis ou caneta, para simplesmente conseguir riscar uma folha ou qualquer outro suporte. Dando assim expressão aquilo que sentem e/ou observam.

Na época e na sociedade em que vivemos, onde diariamente somos inundados visualmente com imagens mais ou menos fortes, com formas mais ou menos marcantes, é natural que aquilo que venha a ser representado pelas nossas crianças, se centre essencialmente naquilo que diariamente observam. Fazendo com que muitas das vezes o resultado de vários exercícios práticos de desenho, mais não sejam que representações de figuras ou personagens predefinidas e já muito presentes nos seus imaginários.

Como tal, poderá tornar-se bastante importante o desenvolvimento de atividades artísticas que estimulem a vontade e a necessidade de representação gráfica de determinados elementos, que podem não estar tão presentes no quotidiano visual dos alunos. Como sejam, por exemplo, elementos relacionados com a natureza ou com o espaço físico da escola onde estão várias horas por dia.

Uma vez que o crescimento e desenvolvimento semanal em grandes zonas urbanas, poderá dificultar o acesso à livre observação e contemplação das formas naturais mais puras e simples. Assumindo o espaço físico do nosso colégio um papel de grande relevância e singularidade neste aspeto.

Desde logo, pelas inúmeras atividades desenvolvidas, particularmente nas disciplinas de vertente artística do 1º e 2º ciclos. Onde se tem vindo a dar particular relevância a projetos e trabalhos relacionados com os diversos elementos naturais que nos envolvem, bem como com a singularidade dos espaços físicos existentes.

Um dos exemplos a destacar, prende-se essencialmente com os trabalhos de colagem de folhas que habitualmente se realizam pela altura do outono. Possibilitando aos alunos do 1º ciclo a exploração do espaço de quinta em busca de folhas e de outros elementos naturais (cascas e troncos de árvore) para os seus trabalhos, sem terem que sair do espaço físico da escola. O que faz com que de uma forma indireta, compreendam não só o fenómeno da mudança da folha e sua estrutura e forma, como toda a panóplia de cores associadas à renovação das diferentes árvores. Desenvolvendo posteriormente representações artísticas, através da colagem de elementos naturais bastante diferenciados.

“o espaço que nos rodeia como elemento essencial ao desenvolvimento... desafiando-nos a sair muitas das vezes do espaço de sala de aula, ou a trazer a natureza para dentro da mesma.”

“Assumindo o espaço físico do nosso colégio um papel de grande relevância e singularidade...”

De referir ainda as atividades desenvolvidas também ao nível do 2º ciclo, onde anualmente os professores dão particular importância à prática do desenho de observação como veículo de desenvolvimento e de aprimoramento da técnica de desenho. Uma vez que através da realização de aulas fora do espaço físico de sala de aula, os alunos são convidados a observar com maior atenção e pormenor, as inúmeras formas naturais existentes pela escola. Realizando vários registos gráficos com base na análise cuidada e direta daquilo que se pretende representar. Pretendendo-se com este tipo de iniciativa, aumentar não só a motivação pela prática do desenho, como a capacidade de melhor compreensão de elementos essenciais como sejam a forma e a cor.

Em parceria com outras disciplinas (nomeadamente ciências da natureza), os alunos do 2º ciclo têm também desenvolvido os seus próprios herbários, onde catalogam e desenharam os vários tipos de folhagem existente pela escola. Realizando ainda exercícios de textura, através da fricção recorte e colagem de folhas.

Assumindo-se claramente o espaço que nos rodeia como elemento essencial ao desenvolvimento deste tipo de atividades, desafiando-nos a sair muitas das vezes do espaço de sala de aula, ou a trazer a natureza para dentro da mesma.

Alunos do 6º ano numa aula de desenho de observação



Alunos do 3º ano num trabalho de colagem de folhas de outono



educar para as artes

Desenhar é humano

Sofia Caranova Professora de Artes Visuais

É importante incentivar as crianças e os jovens a desenhar, pois representa um estímulo à criatividade, à liberdade de pensar, podendo funcionar como uma forma de motivar a aprendizagem.

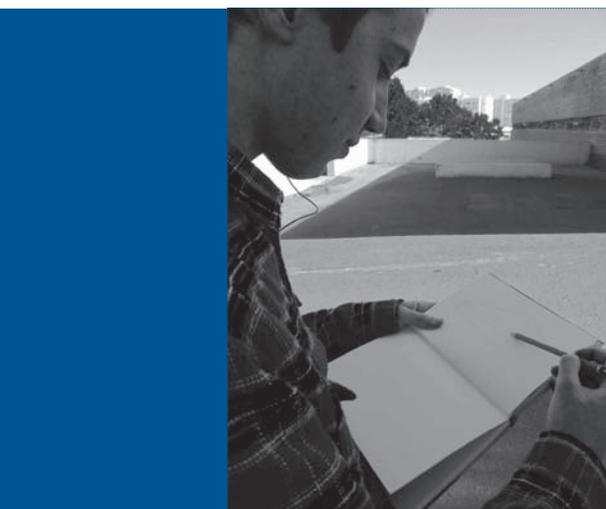
Ao desenharmos o mundo que nos rodeia, aprendemos a vê-lo. Ao usarmos a nossa imaginação, aprendemos a sentir a vida. Se combinarmos ambas as coisas, as possibilidades não terão limites.

Desenhar é uma forma de ver, de observar em maior profundidade, de pensar. Ao contrário do que dizem, aprende-se. Todos nós podemos aprender a desenhar. Desenhar é humano.

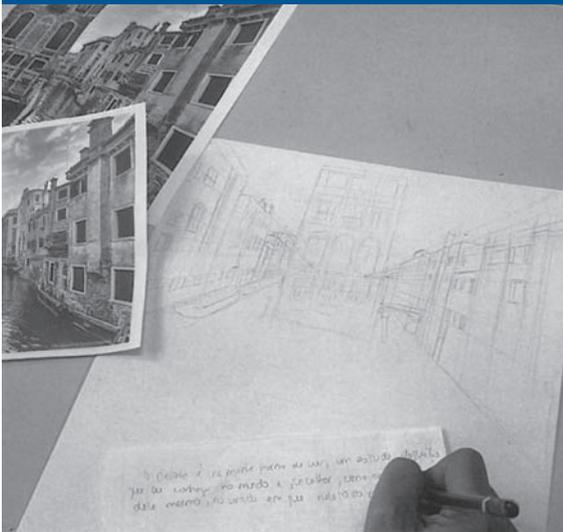
Na disciplina de desenho que se inicia no 10º ano, no curso de artes visuais, os alunos são incentivados a utilizar um caderno portátil que, à semelhança dos diários de viagem de Goya ou Delacroix, funciona como um arquivo do quotidiano. Nestes pequenos cadernos, normalmente de formato A5, os alunos elaboram vários tipos de registos gráficos.



Aula de desenho no exterior. Os alunos do 12º 4, observaram e registaram nos seus diários gráficos, pormenores e elementos existentes no espaço da quinta.



“Ao desenharmos o mundo que nos rodeia, aprendemos a vê-lo. Ao usarmos a nossa imaginação, aprendemos a sentir a vida...”



Para mim ser artista é, ver o mundo de uma outra perspectiva, é ter contato com o que nos rodeia e tentarmos ir mais longe para mudar e marcar o mundo. Por esta e outras razões, posso dizer que estes três anos de secundário no agrupamento de Artes Visuais me acompanharão para o resto da vida e me ajudarão a ter um futuro melhor.

Matilde Quartin Montalvão 12^ºA

Ao longo do secundário o espaço Valsassina, a quinta, a natureza que nos rodeia, serviu-me sempre como inspiração para o desenho, permitiu-me observar diariamente ambientes que dificilmente veria noutras zonas de Lisboa onde predominam prédios.

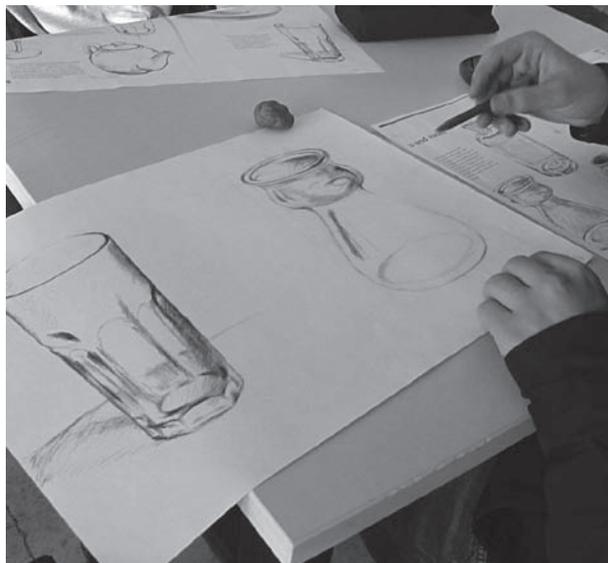
Abel Quental 12^ºA

É através da linguagem do desenho que cada vez mais expresso o meu conhecimento.

Luísa Perdigão 12^ºA

Estar no agrupamento de artes visuais, ensinou-me a ver o mundo de forma diferente, abriu-me os olhos para a realidade artística que me rodeia, fez-me sonhar, criar, ir para além dos meus horizontes.

Leonor Leitão 12^ºA



educar para o futuro

“Ajudou-me melhor a definir quem quero vir a ser...”

Esta experiência ofereceu-me um alargamento do meu conhecimento. Estagiar na Iberfar deu-me a conhecer um mundo que anteriormente me era desconhecido, o do fabrico dos medicamentos. A própria forma como as diferentes fases da produção e da embalagem do medicamento estavam organizadas era fascinante de observar. Todo o cuidado que os profissionais têm para que o comprimido, ou a cápsula, ou medicamento não saia para o mercado com problemas, quer a nível do próprio princípio ativo, quer a nível do aspeto formal, requer muito esforço.

Desta forma, foi uma experiência que teve os seus pontos fortes e fracos, mas que me ensinou bastante sobre o funcionamento de uma fábrica e sobre a produção de medicamentos, que exercem funções importantes no dia a dia de todos, mas que ficam um pouco esquecidos, numa sociedade preocupada com outros aspetos que estão presentes, de forma menos escondida, nos dias de hoje.

Maria Inês David, 11ªA. Experiência realizada na Iberfar (Ferraz Lynce)

A minha primeira experiência no mundo do trabalho

Direção do Colégio Valsassina

“A minha primeira experiência no mundo do trabalho”, assim foi designada a iniciativa que permitiu que os alunos do Colégio Valsassina, do 10º ano, tivessem a oportunidade de viver uma experiência em contexto empresarial/laboral.

No âmbito do projeto pedagógico do Colégio Valsassina, é nossa intenção criar condições para facilitar aos alunos do ensino secundário uma preparação que permita não só uma ligação direta à Universidade, mas também às empresas e à atividade laboral em particular. Pretendemos estimular competências a nível da responsabilidade, da autonomia e da maturidade dos nossos alunos, preparando-os para a vida após o Colégio.

O programa “A minha primeira experiência no mundo do trabalho” visa, assim, facilitar aos alunos uma perspetiva do exercício de uma profissão dentro de temas selecionados por cada um.

Neste contexto, no final do 10º ano, todos os alunos tiveram uma experiência de contacto com a realidade profissional, entre 3 a 5 dias, no final de Junho na semana imediatamente a seguir ao último dia de aulas, numa empresa ou instituição, sem qualquer remuneração, cumprindo o horário de trabalho respetivo, observando a atividade laboral e executando tarefas que lhe sejam propostas e adequadas à sua maturidade e nível de conhecimentos.

Terminadas todas as “experiências”, o balanço global é muito positivo, pelo interesse manifestado, pelo envolvimento e pelas competências apresentadas e desenvolvidas.

Deixamos aqui alguns testemunhos dos alunos.

Tendo em conta o contexto económico e financeiro no qual Portugal está inserido, é de sublinhar a extrema importância de quaisquer experiências extracurriculares que nos possam futuramente valorizar no mundo do trabalho. Cada vez mais, assistimos ao aumento do desemprego jovem. Há pouca oferta de emprego e muitos jovens interessados... E, efetivamente, só os melhores conseguem a vaga. Esta distinção é feita com base na preparação académica e resultados obtidos, mas também na personalidade e experiências fora do comum que os jovens apresentem. Dito isto, resta-me dizer que esta minha primeira experiência no mundo do trabalho me consciencializou ainda mais sobre a situação precária na qual Portugal se encontra e a importância de nos destacarmos. Sinto-me mais enriquecida depois disto.

Laura Seara Cabeça 11ª2. Experiência realizada na Jerónimo Martins

Este primeiro contacto com o mundo profissional foi muito importante para mim, pois veio confirmar o meu interesse na área da saúde. Por um lado, a proximidade que tive com os profissionais que trabalham no Hospital Dona Estefânia (nomeadamente os médicos) serviu para reforçar a minha motivação para seguir uma carreira médica. Por outro lado, deu-me também algumas luzes sobre outras profissões que também seriam interessantes, permitindo-me “abrir novos horizontes”.

Inês Coelho 11ª 1A. Experiência realizada no Hospital Dona Estefânia

Optei por estagiar no Hospital da Luz durante 5 dias, onde os horários eram realmente fantásticos e nos prometiam assistir a uma grande variedade de áreas dentro do campo da medicina. Durante este tempo entrei em contacto com várias especialidades e isso fez-me abrir portas para o meu futuro. Antes deste estágio penso que tinha ideias bastante fixas, isto é, tinha como garantido que iria tirar a especialidade de oncologia. Dentro do hospital, e depois de todas as experiências vividas apercebi-me que existem mais áreas que me atraem e me fascinam. Uma delas a obstetrícia! Depois de estar em contacto com as grávidas, e de ver o grande momento de dar à luz os meus interesses dividiram-se. Isto porque este momento vivido me marcou de tal forma que me fez perceber o quanto eu gosto desta área. Adoro bebés, adoro cuidar deles, e o facto de poder seguir as grávidas durante a gravidez e no fim ajudá-las a alcançar o momento de maior felicidade nas nossas vidas encantou-me realmente. Esta área é realmente diferente das outras, é um momento feliz da nossa vida, e isto marcou-me para o resto da minha vida. Neste momento, dentro do âmbito da medicina existem muitas mais especialidades que me interessam. Por outro lado fiquei também a perceber aquilo que no futuro não irei mesmo querer fazer, o que vai definir realmente quem vou ser para o resto da minha vida. Esta experiência foi bastante importante! Ajudou-me a definir melhor quem quero vir a ser, e como me sentirei mais realizada no futuro. Concluindo esta experiência foi mais um motivo para conseguir começar um ano com um grande esforço para conseguir alcançar as notas necessárias para a entrada em medicina.

Carlota Ferreira, 11º 1A. Experiência realizada no Hospital da Luz

Pessoalmente posso dizer que esta foi uma das experiências mais marcantes da minha vida.

Nesta semana consegui ver o que pensei e viver o que imaginei ser (relativamente ao mundo do trabalho). Pude ter o prazer de conviver com pessoas magníficas que tornaram esta minha semana muito especial e inesquecível.

Neste meu primeiro contacto com o mundo laboral pude “trabalhar” em dois gabinetes distintos, no Departamento de Cooperação Empresarial e Empreendedorismo e no Departamento de Economia e Informação (DEI), apesar de ter conhecido todos os outros departamentos desta instalação (AIP).

Na zona do empreendedorismo pude ter um contacto com diversos projetos dos quais dois que abrangem classes etárias mais novas, o Atelier de Empreender Crianças e a Academia Empreender Jovem. Nestes projetos fiquei encarregue de fazer pesquisas no meio social sobre divulgações destas atividades como também ao nível da organização dos dossiers referentes a estes projetos. Também tomei conhecimento sobre o belN, que consiste num projeto de recolha de opiniões dos cidadãos de determinadas regiões

do país, com o objetivo de saber quais as maiores necessidades e projetos a desenvolverem-se nestas regiões. Já neste projeto pude também contribuir para a organização dos dossiers, e pude também ler o relatório deste mesmo projeto.

Na DEI, departamento mais ligado à economia, posso dizer que trabalhei mais o meu cérebro e confrontei-me mais com os números. Tive a sorte de poder contribuir para a formação da Análise de Conjuntura Económica do mês de Junho de 2013. Aqui trabalhei muito em Excel onde fiz tabelas, gráficos e posteriormente análises (com alguma ajuda). Em conclusão queria agradecer à AIP que me recebeu de braços abertos, em especial à Dra. Maria Vieira, Helena Caiado, Carla Matos, Margarida Brito, Fernanda Martins, Maria João Quiaios, Dulce Proença, Cristina Carrilho e ao Dr. Rui Madalena, que tornaram os meus dias muito interessantes e recheados de alegria.

Bárbara Choon 11º2. Experiência realizada na Associação Industrial Portuguesa (AIP)

**“Nesta semana
consegui ver o que
pensei e viver o que
imaginei ser...”**

educar para a cidadania

A preservação do planeta

A preservação do planeta é um tema pelo qual todos se deviam preocupar porque é uma importante ação que tem que ser feita e que só se consegue com um trabalho de equipa.

É na Terra que vivem todas as plantas e animais (incluindo a espécie humana). Se não preservarmos o planeta, um dia poder-se-ão extinguir a maior parte dos seres vivos que nele habitam.

Para preservar o planeta, temos que mudar a nossa maneira de viver e em vez de usarmos fontes poluidoras, podemos, como alternativa, usar fontes naturais (água, vento, etc...) para produzir energia. Mas apenas isso não chega. Na minha opinião, também os automóveis são grandes poluidores, por isso talvez devêssemos utilizar um meio de transporte menos poluidor (metro, por exemplo). As fábricas também poluem muito e acho que isso deveria ser mudado, encontrando alternativas menos poluentes para tratar os desperdícios, por exemplo.

Com estas e outras medidas, ajudamos o planeta e protegemos as espécies que tanta falta nos fazem.

E tudo isto só se consegue se todas as pessoas contribuirmos e forem responsáveis, por isso se diz que “A preservação do planeta e das espécies é da responsabilidade de todos os cidadãos”.

Filipa Silva 7ªA

“Todos devemos ser responsáveis pelo planeta...”

Os mais novos e os mais velhos

Todos os cidadãos têm o dever de preservar as espécies e o planeta onde vivem, por isso é que nós, os mais novos, os que estão agora a começar a estudar este assunto, somos ensinados a poupar energia, a poupar água, a reciclar, para que as gerações futuras tenham um futuro melhor.

Penso que fazemos os possíveis para preservar o planeta e as espécies, mas só nós, os mais novos, não conseguimos mudar o mundo, pois estamos dependentes dos adultos. Contudo, se nos unirmos, podemos fazer ainda mais do que fazemos para que o nosso planeta resista. Juntos conseguimos mais. Por isso, na minha opinião, devemos unir-nos todos para emendar o que os mais velhos têm feito ao longo destes anos e garantir assim um futuro melhor ao nosso planeta.

Todos devemos ser responsáveis pelo planeta, porque o futuro do Homem e das espécies, depende dele. Portanto temos de nos unir para podermos melhorar o que pode ser melhorado para que todas as espécies que habitam no planeta, resistam corajosamente ao que lhes temos feito.

Para um futuro melhor para as espécies, para o planeta, para os humanos, (novos e velhos, jovens e adultos) é tempo de agirmos em comum.

Mariana Serra 7ªA

Trabalhos realizados para a disciplina de Português sob a supervisão da professora Teresa Saruga



educar para a ciência, sustentabilidade e multilinguismo



Parte do grupo de garranos bravios do PNPG Vidoal (cerca de 1300 m de altitude). Serra do Gerês.

Agradecimentos: Este trabalho não seria possível sem a preciosa colaboração da Doutora **Maria do Mar Oom**, da Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa e do técnico do Parque Nacional da Peneda-Gerês, **António Rebelo**, por todo o tempo, ajuda e disponibilidade, essenciais para a realização do nosso projeto. Gostaríamos também de agradecer ao Parque Nacional da Peneda-Gerês pela ajuda disponibilizada.

Garrano. The primitive rebel from the North

One of the species that stands out the most in Peneda-Gerês National Park (PGNP) is the Garrano pony, one of the three Portuguese horse breeds (alongside the Lusitano and the Sorraia). They are small individuals with broad shoulders, a thick neck and abundant manes and fur (Andrade, 1938). They have been in the Iberian Peninsula since the Quaternary period of geological history (Andrade, 1938; Oom, 1992; Gomes, 1996). This makes the Garrano the primitive rebel from the North.

During the application process of the Garrano as national heritage, intending to avoid its extinction, a group of students from Colégio Valsassina developed a study on the Garranos of PGNP, from November 2012 to April of 2013.

The results reveal a high level of parasitism, with a 100% level of strongylids prevalence, in fact, these data were already verified by Gomes (1996) in 1994-95, when it was registered a higher average level of eggs per gram of faeces.

Despite the facts, it will be much difficult to reduce the levels of parasitism. On one hand, the animals live freely. On the other hand, many of the used pastures are probably contaminated, which facilitates "recontamination". Notwithstanding, it's considered important to develop a monitoring program of parasitism level. In spite of not deworming the animals, the information is always important (Branco and Osório, 2012).

The inbreeding level of the group was studied too, using the Pedigree Viewer program. The data shows that the age average of the population is a little higher than the adult age (6,62 years old) and it seems that there are not problems referring to the inbreeding possibility between individuals. Considering "1" (certain) as the maximum probability of occurrence of an inbreeding situation and "0" (impossibility) as the minimum probability, it was verified a maximum of 0,1875. The modal result was 0. Therefore, it is not foreseeable that this factor would jeopardize the population and the progeny viability of the current generation. However, the low number of individuals could compromise the future of the population, once its variability could become diminished. To avoid this situation, it's advised a recurrent introduction of new individuals "alien to" the group in order to keep an acceptable level of variability (Oom, 1978).

According to António Rebelo, a technician of the PGNP responsible for the monitoring the Garranos in the field, the current group is only composed by 15 animals. Everything point out a register of an effective population regression in the last years, specifically, comparing with the situation of 1994-96, described by Gomes (1996). However, the fact of existing five males (ally to a low level of inbreeding in the population) could be potential a positive factor for the effective raise of the population in short or medium term.

To Maria do Mar Oom, from Faculty of Science of the University of Lisbon and ambassador of the breed in the application to national heritage, the Garrano, beyond its relevance in historical and cultural level, is one important reservoir of national genetic variability. The developed efforts with the aim of conservation and support of the breeders are fundamental, which ensure a sustained use of this genetic resource from the mountain rural environment of the Portugal North, where they have been since the Paleolithic.

From the legal framework, the national park continues presenting conditions to preserve this important biological resource, integrating genetic, environmental, social and cultural perspective.

Ana Catarina Caçote, Gonçalo Pereira, Joana Duarte 12¹IA

educar para a cidadania e para os valores

A minha Casa ecológica

Beatriz Quiaios* Antiga aluna do Colégio Valsassina. Atualmente frequenta o curso de Fisioterapia.

* Distinguida com o Prémio de Sensibilidade Ambiental relativo ao ano letivo 2012/13

A Quinta das Teresinhas é o meu Colégio, foi nela que eu cresci, que aprendi e que me formei. Desde pequena que o Valsassina sentiu a necessidade da incorporação da componente ambiental nos seus alunos e docentes, para tal integrou o programa Eco-Escolas e foi implementando medidas ecológicas que promovessem o desenvolvimento sustentável e qualidade ambiental.

Durante dez anos fiz parte do programa Eco-Escolas participando em conselhos, palestras, atividades de campo e promovendo a sustentabilidade ambiental. No meu último ano no colégio, recebi um prémio de Sensibilidade Ambiental pelo meu trabalho e empenho neste programa. Nestes dez anos aprendi que temos à frente um grande desafio: para sobreviver precisamos de repor tudo o que tiramos da nossa "Casa". Precisamos manter o equilíbrio dos ecossistemas, que a organizam. Contudo, ajudar o ambiente não é uma tarefa fácil, mas pequenos passos, no nosso quotidiano, já contribuem. E se cada um de nós der um pequeno passado mais saudável será o nosso planeta.

Sempre me ensinaram que temos uma simbiose com a Terra, pois precisamos dela para viver e respirar, mas a Terra também necessita de alguém que a cuide e que lhe dê amor.

O Valsassina dá o seu melhor para que os seus alunos respeitem o meio ambiente, defendendo medidas para um desenvolvimento sustentável e uma preservação do equilíbrio no ecossistema terrestre.

Despeço-me com um grande Obrigada ao Valsassina pelo seu contributo para a resolução dos atuais problemas ambientais, fazendo a diferença. Apelo aos alunos para continuarem a lutar, para que o Valsassina, continue a ser um exemplo nesta sociedade consumista, cega aos problemas ambientais.



“... temos uma simbiose com a Terra, pois precisamos dela para viver e respirar, mas a Terra também necessita de alguém que a cuide e que lhe dê amor”



**“É um mundo
que se abre,
quando nos
damos ao
Mundo.”**



“Somos ilhas, mas estamos juntos (...)”

Desde cedo tenho sido confrontada com esta expressão. Todavia, somente há pouco descobri o seu verdadeiro significado. Descoberta essa que me proponho partilhar convosco hoje.

É verdade que somos ilhas... E que mais poderíamos ser? Somos seres humanos confinados à nossa natureza intrínseca. Vivemos para nós. Estamos predestinados à nossa pequenez. Não somos mais que isto. Não estamos dispostos a ser mais do que nos deram. O ser humano é, por natureza, um ser egoísta. O instinto de sobrevivência, a proteção natural com que nascemos e reminiscências, por ventura, de uma memória animal e primária, dificilmente, nos abandonam. Antes, acentuam-se nesse desenvolvimento isolado.

Contudo, tal como na natureza, é também este instinto de sobrevivência que constrói as comunidades. É em busca de uma proteção maior que nos tornamos gregários. É em busca de um sentido de pertença que procuramos aceitação e reconhecimento dos outros. Efetivamente, a fortuna do ser humano está no facto de não estarmos sós. E a intensidade dessa fortuna depende da forma como estamos e vivemos em comunidade. Podemos estar apenas para satisfazer esta básica necessidade de aceitação e de reconhecimento... Mas será suficiente? Será só isso?

O que eu descobri no voluntariado é muito mais do que uma necessidade de aceitação ou de pertença a uma comunidade. É muito mais do que o reconhecimento do meu semelhante. É algo de mim para comigo e que encontra razão de ser, na dádiva ao outro. Estarmos juntos implica esforço e sacrifício. Implica que saiamos da nossa zona de conforto e que, procuremos reinventarmo-nos juntos de outros. É um profundo bem – estar que advém não de ser aceite, mas de ser útil e precisa.

Útil e precisa num Mundo que, como sabemos, se confronta com uma crise económica, financeira e de valores que, em última instância, deixa alguns para trás. Estes alguns abandonados, infelizmente muitos, enfraquecem o Mundo e com eles ficamos todos um pouco mais pobres. Quanto mais não seja por isso, também aí a nossa acção pode fazer a diferença. Ou seja, o voluntariado pode ser uma arma eficaz contra as desigualdades que as exigências do Mundo moderno provocaram e, quantas vezes tardam em recuperar.

“*Estamos juntos*” assume neste Mundo farto de tecnologias de comunicação e de informação, uma dimensão potencialmente global. Isto é, o voluntariado deixou de ter fronteiras intransponíveis ou de estar confinado aos limites do bairro e do próximo. Basta estarmos atentos e, debaixo de cada tecla, encontramos alguém ou algo que precisa de nós.

É esta a verdadeira essência da frase “*Somos ilhas, mas estamos juntos (...)*”. É um mundo que se abre, quando nos damos ao Mundo.

Laura Seara 11º2

Esta aluna foi distinguida com o Prémio Sensibilidade Social relativo ao ano letivo 2012/13

educar para um crescimento equilibrado

Entrevista com João Miguel Tavares

João Miguel Tavares, apresenta-se como pai e jornalista. É colunista e cronista no Público e membro do programa "Governo Sombra".

No dia 13 de novembro esteve no Colégio Valsassina para um encontro com os alunos de 5 anos para contar algumas histórias e para conversar sobre vários assuntos presentes no seu mais recente livro "O Pai mais horrível do Mundo". A Gazeta Valsassina aproveitou para conversar um pouco com este autor.

No seu livro *O pai mais horrível do mundo*, podemos ler: "O meu papá é o pai mais horrível do mundo. Ele só sabe dizer "não". Proíbe-me de brincar. Obriga-me a trabalhar". Considera-se assim um Pai tão horrível?

Todos os pais se acham um pouco horríveis. Isto dava uma longa história!

No início, quando fui pai pela primeira vez, considerava-me um pai complacido. Há um olhar muito romântico sobre o que é ser Pai. Quando a Carolina nasceu, sobretudo nos primeiros meses, eu pensava que seria tudo mais difícil. Tinha sido enganado! Mas tudo evoluiu muito. Fui aprendendo aos poucos que o amor que sentimos por um filho é algo que também se constrói. E esta é uma imagem que, de certa forma, não é muito habitual. Há muito a ideia que se faz um "clique" e tudo se resolve. Parece que seria só chegar à maternidade e era como se o Cupido nos tivesse lançado uma seta, olhávamos pela primeira vez para o berço e, pronto.... Estou perdidamente apaixonado por este bebé que eu acabei de conhecer!

Afinal, no início não foi fácil. Com a entrada na fase da linguagem e quando começam a interagir é, para mim, tudo mais fácil. Brincar com os bebés nesta fase é muito interessante e percebemos que existe uma diversidade grande. Por vezes, achamos que somos horríveis como pais, não temos paciência, não temos tempo. Há um tempo para nós que considero essencial. E quando temos vários filhos, gerir tudo isto torna-se mais difícil.

Sim, por vezes considero-me o Pai mais horrível do mundo, outras vezes não. Até sou mesmo o mais incrível.

Dizer "Não" aos filhos. Porquê?

Isso é algo essencial. Claro que cada pessoa olha para o mundo de forma diferente. Considero que as crianças precisam de regras claras, pois são essas regras que lhes dão segurança. De igual forma, os rituais também lhes dão segurança, por exemplo, agora chegou a hora de ir para a cama, e antes de ir para cama fazemos isto, e quando estamos a jantar fazemos isto. Sobretudo quando eles são muito pequenos, são estes rituais, essa circularidade do mundo, esta maneira de estar que lhes dá conhecimento. Sabem que as coisas funcionam de uma certa forma: de manhã, vais para a escola; depois, à tarde, os pais vão-te buscar, depois tomas banho e vais jantar, etc... Este lado ritmado do mundo dá-lhes segurança.

É por isso que uma criança que se porte mal junto dos pais, quando vai a um lugar onde encontra muitas pessoas e, por um momento que seja se sinta perdida (por exemplo, quando sente que não tem o pai ao lado), ela entra em pânico imediatamente. De certa forma, aquele mau comportamento é uma falsa segurança.... O que lhes dá essa segurança são os "Nãos"... e, por isso, são tão importantes no dia-a-dia.



Sara R. 5 anos <<Uma baleia no quarto>>. "Quando a baleia apareceu"



Maria A. 5 anos <<Uma baleia no quarto>>. A parte em que a Carolina não se queria deitar"



Inês C. 5 anos <<Uma baleia no quarto>>. "Fiz o senhor a ler-nos a história"

Uma das preocupações de qualquer pai ou mãe diz respeito às (más) influências a que os filhos estão expostos. E ainda que, diariamente, deem o seu melhor no sentido de transmitirem os valores essenciais e a importância de algumas escolhas, quase todos reconhecem que há estímulos e ameaças a mais e que os sermões e palestras são manifestamente insuficientes. Na sua opinião, como se deve ensinar uma criança a dizer “Não”.

Dizer “Não” é algo que fazem muitas vezes!...O difícil não é dizer “Não”, é conseguir que façam o que não lhes apetece (embora isso não aconteça apenas nas crianças). Têm de aprender a fazer aquilo que tem de ser feito.

Para aprenderem o verdadeiro significado de dizerem “Não” a certas coisas é, mais uma vez, importante a disciplina, sobretudo aquela que vamos adquirindo nas fases mais jovens e por isso esse período formativo é tão importante no nosso crescimento. É nesta fase que ganhamos hábitos de trabalho, regras de estar, respeito.... E temos de aprender a fazer coisas que até não nos apetece!

Se fosse um monge budista, diria que **um dos grandes segredos é conseguirmos tirar o máximo de prazer daquilo que não nos apetece fazer.**

É frequente encontrarmos nos seus livros várias problemáticas da nossa sociedade. Tem necessidade, ou considera que há necessidade de abordar esses temas?

A questão da família é para mim muito importante. Por isso tenho um blogue, <http://paisdequatro.blogs.sapo.pt/> (também tenho outro blogue um pouco “mais sério”, ligado a assuntos políticos e culturais (<http://joaomigueltavares.blogs.sapo.pt/>)).

No meio em que me movimento, por exemplo, fui jornalista na área da cultura (no Diário de Notícias) e depois diretor da Time Out. Nesse meio, de um tipo de jornalismo que considero mais sério, existe uma espécie de proteção da vida privada, na medida em que falar disso “é de mau gosto”. A tradução disto é que a família quase que desaparece do espaço público.

É verdade que se comprarmos revistas “cor-de-rosa” encontramos ali uma abordagem às famílias, em que muitas pessoas se expõem com facilidade, falam dos divórcios e tudo mais. Mas isso é o mundo das revistas “cor-de-rosa”. Fora deste mundo, temos uma espécie de vazio. Há algumas Mães a falar da família ou dos seus filhos. Mas eu, enquanto Pai, senti um enorme défice. Parece que os maridos e os Pais não têm voz.

Se fosse uma figura excêntrica da sociedade ou quisesse expor a minha vida, tinha voz, nas tais revistas “cor-de-rosa”. Mas sempre com uma abordagem muito superficial. Ou seja, entendo que não existia uma abordagem diferente, mais séria (não quer dizer que não possa usar o

humor), mas em relação aos jornais mais sérios.

Comecei a falar de alguns temas ainda no Diário de Notícias, com uma crónica chamada “Vida Familiar”. Sentia de facto necessidade. Não encontrava nada, enquanto Pai, que traduzisse aquilo que estava a sentir. Parecia que as Mães tinham o discurso exclusivo da conversa sobre “fralda e putos ranhosos”, mas vivemos numa sociedade em que as coisas não são assim. No tempo do meu avô, ele chegava a casa, sentava-se para comer, a mulher estava em casa. O meu pai já vai lavando a louça. Na minha geração, um Pai, hoje em dia, faz tudo. Em comparação, o meu Pai dizia que não sabia mudar uma fralda (embora também na altura imagino que fosse mais complicado, com as fraldas de pano e alfinetes!).

Hoje em dia, os maridos e os Pais estão profundamente envolvidos na vida doméstica, embora considere que ainda há um certo desequilíbrio para o lado da Mãe. Então se há um envolvimento profundo dos Pais, como é que isto não tem uma voz, uma voz pública?!

Os Pais também sentem apoio ao ler os seus textos?

Sim, tenho tido algumas reações. No entanto, ainda continuam a ser as mães a ler a maior parte das crónicas e o blogue “Pais de Quatro”. Mas também já oiço da parte de alguns pais “finalmente alguém que aparece e diz «de facto os bebés não têm assim tanta graça!>», “tenho de «aguentar» um ano e meio, à espera que passe a fase das fraldas para começar a achar mais graça aos miúdos...”.

Este tipo de discurso, um pouco mais sincero, não é habitualmente usado. Por um lado, há o lado de Pai, o lado masculino. Por outro lado, considero importante dar projeção à família, acredito muito nela. Não tem a ver com uma dimensão religiosa, embora ela também possa existir (de certa forma existe até mais na minha mulher do que em mim), de olhar para o mundo de uma forma católica (“crescer e multiplicar”).

Considero que a família é de facto uma estrutura básica da sociedade e que merece ser olhada e merece ter um discurso sobre ela.

Escreve artigos de opinião em jornais (como o Público) e integra a equipa do programa da TSF Governo Sombra. O que lhe dá mais prazer fazer? Que reações tem de quem o lê e ouve?

Tenho feito várias coisas. Fui fundador da revista Time Out e fui até há pouco tempo o seu diretor. Trabalhei nesta revista durante cerca de 6 anos. Gosto muito de estar à frente de uma equipa, de gerir pessoas. Agora não faço isto.... Mas pensando no que mais gosto de fazer a resposta é clara: Escrever. Mas, na realidade, gosto de demasiadas coisas. Divirto-me muito a fazer o Governo Sombra, mas acho que tenho mais jeito para escrever do que para estar ali na televisão. Gosto acima de tudo de Escrever.

Gil Oliveira, Mafalda Gomes, Mariana Carrasco, Rita Pinto. 10ª1A

educar para o desenvolvimento pessoal e social



No dia 30 de outubro, a Dra Helena Serra foi a oradora de uma sessão, destinada a pais e professores, com o tema “Programa de enriquecimento para crianças e jovens com capacidades elevadas”

Sobredotação, que respostas?

Helena Serra Presidente da Mesa da Assembleia Geral da APCS. Professora-Coordenadora jubilada da Escola Superior de Educação de Paula Frassinetti-Porto

A Associação Portuguesa das Crianças Sobredotadas/APCS assume, como meta essencial da sua ação, lutar pela causa da qualidade da educação das crianças com capacidades excecionais e pelo seu bem-estar e desenvolvimento salutar. Colocamos de novo aqui, neste espaço privilegiado, uma pergunta clara: como estão a ser operacionalizadas as RESPOSTAS EDUCATIVAS para a SOBREDOTAÇÃO? Em cada 100 crianças, 5 serão sobredotadas. Como estão a ser atendidas na sua diferença?

Os alunos com elevadas capacidades e talentos têm de ser orientados e estimulados para desenvolverem maximamente os seus potenciais. Durante alguns anos, podíamos basear-nos no Despacho Normativo n.º 50/2005 que previa, no seu artigo 5.º, que as escolas procedessem à diferenciação no currículo e nas estratégias de ensino-aprendizagem, definidas num Plano de Desenvolvimento. A partir do Despacho Normativo n.º 24-A/2012, que substitui o anterior, estão previstas formas de atuação nas escolas, nos artigos 22.º e 25.º, podendo inclusive ser formados grupos temporários relativamente homogêneos e, simultaneamente, ser feita a aceleração destes alunos. Portanto, legislação para se atuar, podemos afirmar, genericamente, que não falta! Todavia, é nossa convicção, alicerçada em inúmeros contactos que, por múltiplas formas recebemos na APCS, que as escolas não sabem como identificar, como planear e efetivar a diferenciação, as atitudes adequadas a assumir, como manter o gosto da criança na aprendizagem e a capacidade de se relacionar e interagir. À APCS chegam imensos pedidos de ajuda das famílias que veem os filhos desmotivados e descontentes nas escolas, talvez mesmo a não querer ir às aulas ou a tirar baixos resultados apesar das suas capacidades.

A opinião pública desconhece o que se passa com este grupo de alunos e está alheada do sofrimento das crianças e jovens e suas famílias e bem assim do facto de as escolas não considerarem prioritária uma intervenção de qualidade, neste campo. Os docentes inquietam-se com a diferente maneira de aprender destes alunos, por não saberem / não poderem atendê-los na sua especificidade.

É necessário avançar oferecendo práticas eficazes. Em primeiro lugar é preciso criar a estrutura que, em meu entender, deve ser uma equipa constituída por psicólogo e docente/s de áreas disciplinares diversas, todos apetrechados com formação específica no domínio da sobredotação, para assumirem no terreno as ações psicopedagógicas direcionadas às crianças ou jovens, aos docentes, ao ambiente e oferta educativa, à família. Em segundo lugar importa efetuar a regulamentação e definição dos procedimentos, dos objetivos e finalidades, das respostas educativas diferenciadas, do período adequado de intervenção, ou seja, explicitar a concretização e regulamentar a lei.

Isto é, é urgente fazer implementar respostas educativas para crianças com elevadas capacidades que sejam realmente de qualidade. Alguns possuem habilidade para lidar com conceitos abstratos, símbolos e ideias; outros revelam avidez de saber em domínios específicos; muitos manifestam uma criatividade e originalidade elevadas; outros ainda crescem uma elevada preocupação com questões de justiça social; todos têm um estilo diferente de aprender e de fazer. Acresce que, a par das capacidades/talentos especiais, se verificam por vezes dissincronias, ou seja discrepâncias intra individuais entre as diferentes áreas do desenvolvimento pessoal, podendo revelar competências elevadas em alguns domínios e apenas adequadas ou

“Alguns possuem habilidade para lidar com conceitos abstratos, símbolos e ideias; outros revelam avides de saber em domínios específicos; muitos manifestam uma criatividade e originalidade elevadas; outros ainda crescem uma elevada preocupação com questões de justiça social; todos têm um estilo diferente de aprender e de fazer.”

baixas noutros. Para desenvolverem e estimularem todas essas capacidades e conseguirem um desenvolvimento global salutar, mantendo a motivação, adquirindo hábitos de estudo e de trabalho, necessitam que a escola os envolva devidamente.

O sistema educativo, os gestores, os professores, os pais têm de assumir as questões relativas à motivação e estimulação destas crianças e jovens, nos seus quotidianos escolares. Exigem-no:

- o conceito de excelência individual e de realização pessoal,
- o seu direito de cidadania plena,
- o seu sentido de justiça social e do bem comum,
- e do avanço construtivo e solidário da humanidade.

Eles dispõem de potenciais que urge canalizar para a construção do progresso da humanidade.

A APCS celebrou, no mês de outubro passado, 27 anos de existência. Foi criada para defender os direitos destas crianças; realizou múltiplas sessões de formação e encontros científicos em diferentes pontos do país, com vista a sensibilizar e formar os profissionais da educação e orientar e apoiar os pais. Em parceria com a Escola Superior de Educação de Paula Frassinetti vem desenvolvendo, há quase duas décadas, o Programa Sábados Diferentes, integrado no Projeto INVESTIR na CAPACIDADE, no âmbito do qual decorrem atividades de enriquecimento, nas manhãs de sábado, direcionadas para crianças com elevadas capacidades e talentos. Em torno de sessões em laboratório, de visitas de estudo dirigidas ao património histórico, de abordagens múltiplas no campo das artes de palco ou plásticas, de sessões de debate e pensamento novo, as crianças e jovens, agrupados segundo os seus interesses, vão maximizando a sua socialização e vão percebendo que são aceites na sua maior curiosidade e velocidade de processamento da informação, vão sentindo-se estimuladas, orientadas, compreendidas, irmanadas. O maior proveito não é no domínio cognitivo, é no domínio emocional/relacional e de desenvolvimento da sua personalidade.

Hoje, muitos dos jovens que frequentaram tais atividades estão já ao serviço da humanidade, em postos de trabalho e investigação, no estrangeiro e no país, equilibrados e empreendedores, sendo construtores do bem comum. Muito certamente haverá outros da mesma idade que, nesse mesmo período, foram atravessando em contextos escolares e familiares desprevenidos, “desfiladeiros íngremes”, que se afirmaram como “medonhos e pesados” ... Esses, ao invés, estarão desencantados, desestruturados, dependentes, infelizes, desconstruindo algo à sua volta, tornando-se um peso social.

Estas atividades podem passar a realizar-se nos colégios, nos agrupamentos/escolas em geral, com vantagens comprovadas quer para o seu desenvolvimento cognitivo, quer pessoal e social. A APCS assina protocolos de colaboração com Agrupamentos (ex: Nelas e Beja), com Câmaras Municipais (ex: Vila Nova de Gaia), com Grupos de Pais/Professores/Técnicos (ex: Porto e Lisboa) no sentido de passar a orientar e apoiar o desenvolvimento de atividades de enriquecimento a realizar com crianças e jovens com tais capacidades. No entanto, não esquecemos que estas crianças em todo o país “reclamam” ambientes educativos facilitadores do seu desenvolvimento. A estrutura de responsabilização pela qualidade das repostas, quer a nível de instituições particulares quer oficiais, tem de ser criada. Em 2013 celebra-se o Ano Internacional da Sobredotação; aproveitamos o ensejo para nos disponibilizar para apoiar as instituições que se determinem a operacionalizar neste domínio uma educação de qualidade.

educar para a qualidade e excelência

Quadro de Honra 3º P 2012/13

5º ANO		
4361	Catarina Ramos Pinto Martins Quelhas	5º A
5016	Beatriz Moreira B. F. Barroca	5º A
5199	Mariana Ferreira Reis	5º A
5322	Margarida Eugénia de Sá Borges Paim	5º A
5348	Mariana de Castro Teófilo B. Filipe	5º A
4013	Ana Sofia Torre Amaral	5º B
4115	Joana Bugalho Mah Alves da Silva	5º B
4001	Maria Rita Godinho F. Santos de Carvalho	5º C
4009	Margarida Lima Grilo Fernandes da Silva	5º C
4017	Francisco Miguel L. Moutinho N. Moreira	5º C
4018	Catarina Ribeiro Luís Marques	5º C
4098	Joana Diogo Alves Correia	5º C
4102	Mónica Sofia Barbosa Nóbrega	5º C
5289	Catarina Sanches Soutelinho Aderneira	5º C
6º ANO		
3893	Filipa Dias Coelho Tojal Silva	6º A
4387	Maria Laura Cortez Mota	6º A
5131	Maria Leonor Miguel Neto	6º A
3892	Duarte Tomás Cardoso Rezio Martins	6º B
3988	Vitória Kuan Simões	6º B
4229	Mariana Brandão da Silva Fernandes Serra	6º C
5098	Mariana Ramos Bernardo	6º D
5100	Alexandre Oliveira Marques	6º D
5139	Sofia Ramos Falcão	6º D
7º ANO		
3710	Gonçalo C. Espinha Pinheiro Castela	7º A
3725	Maria Quartin Simão Montalvão Figueiredo	7º A
3785	Guilherme Calais Grilo Sá Fialho	7º A
3788	Miguel Pinto Correia Cardoso e Cunha	7º A
4270	Alexandra Ribeiro Verdasca	7º B
3697	Beatriz Pinto Correia Cardoso e Cunha	7º C
3703	Carolina Viegas Dias Gomes	7º C
3714	Joana Santos Pereira dos Reis	7º C
3732	Teresa Maria M. Coutinho Soromenho	7º C
4291	Francisco Henriques Sotelho S. Alves	7º C
4970	Afonso Morgado Mota	7º D

Quadro de Honra 3º P 2012/13

8º ANO		
4702	Beatriz C. Gonçalves Rodrigues Gaspar	8º A
3579	Joana Lima Grilo Fernandes da Silva	8º B
3986	Mariana Franco Esguelha Simões	8º B
4100	Cláudia Belo Marques	8º B
4696	Ana Rita Landeiro Filipe Sousa	8º B
3869	Ana Machado Luís	8º C
3939	João Marques Pereira Nicolau	8º C
3941	Maria Inês Feliz Barreiros Gama	8º C
3946	Rita Teixeira Henriques de Miranda	8º C
3586	Sofia Matias Coimbra Martins	8º D
4706	Catarina Castro Gaspar Cortesão Correia	8º D
9º ANO		
3376	Mariana S. Espada Venâncio Carrasco	9º A
3393	Mafalda Viegas Dias Gomes	9º A
3466	João Francisco Pires Garutti Gonzalez	9º A
3922	Miguel Micaelo Bengala	9º A
4473	Maria Fernandes Trigueiro	9º A
3747	Maria Francisca Telles Freitas Xara-Brasil	9º B
3751	Rita Lopes da Costa Marques Pinto	9º B
3875	Marta Filipa Velosa Zambujal Oliveira	9º B
4606	Maria João Pessoa Araújo S. Sancho	9º C
5045	Maria Carolina Osório Gonçalves	9º C
4567	Sofia Vassangi Hemrage	9º D
4569	Maria Soares de Almeida	9º D
4573	Maria Leonor Palminha Alves	9º D
4629	Marta Almeida Martins	9º D
10º ANO		
3210	Ana Teresa Barata Rodrigues	10º 1A
3220	Inês Garcia Nunes Coelho	10º 1A
5035	Ana Alexandra Carvalho Reis	10º 1A
3202	Francisco F. s. Oliveira e Costa	10º 1B
3522	Bárbara Veríssimo Choon	10º 2
4892	Laura Cardoso Seara Gonçalves Cabeça	10º 2

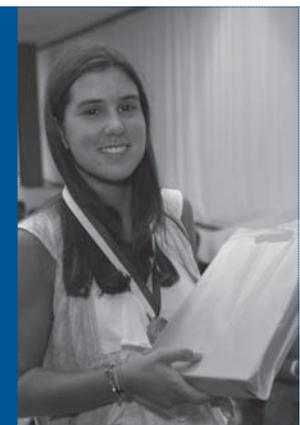
11º ANO		
339	Gonçalo Lopes Martins e Pereira	11º 1A
386	Patrícia Bidarra Figueiredo C. Nascimento	11º 1A
3398	Diogo Filipe Pereira F. Fernandes Silva	11º 1A
3808	Filipa Ribeiro Verdasca	11º 1A
4236	Pedro Neto Afonso Dickson Leal	11º 1A
4863	Catarina de Oliveira Soares	11º 1A
5177	Joana da Silva Cruz Gameiro Duarte	11º 1A
5183	Ricardo José Vareta Paiva	11º 1A
264	Manuel Maria da Costa Lorga D. Portela	11º 1B
3924	Alexandra Domingos Reis Pereira	11º 1B
1410	Maria Margarida P. Jorge Pessoa Vaz	11º 2
12º ANO		
824	Beatriz Cunha Quiaios	12º 1
859	Luís Gouveia Coutinho Sá Couto	12º 1
1181	Miguel Gouveia Quadros Mora Marques	12º 1
1309	Manuel João Ralheta Galvão	12º 1
3262	Pedro Manuel Brito Monteiro	12º 1
3271	Maria Catarina Veloso Gago da Graça	12º 1
3469	Diogo Miguel F. N. Pelicano Monteiro	12º 1
3994	Joana Cidade Alves	12º 1
4010	Filipe dos Santos Nobre da Costa	12º 1
4050	Catarina Carôla Cavaco	12º 1
4071	Ricardo Amaral Santos	12º 1
4085	Ana Sofia Caldas Vieira Gomes Correia	12º 1
4105	Gonçalo Ribeiro Lopes Rodrigues Marta	12º 1
4108	Francisco Leonardo Ramos	12º 1
5001	Joana Isabel Martins Barros Luís	12º 1
5004	Diogo João Figueiredo Vieira	12º 1
5358	Maria Margarida de Almeida S. Martins	12º 1
3499	Filipa Veríssimo Choon	12º 2
221	Maria Inês dos Santos Silva	12º 4
3257	Joana Duarte Ferreira Passos Almeida	12º 4
3821	Carlos Miguel Mendes Pereira Conceição	12º 4
3996	Inês Torre Estorninho	12º 4
4004	Mariana Arouca Rondão Rodrigues	12º 4
4063	Mariana da Câmara Pestana Correia	12º 4

educar para a qualidade e excelência

Do Quadro de Excelência fazem parte os alunos que, no final de cada ano letivo, obtenham excelentes resultados escolares, quer no domínio da dimensão académica quer no domínio da dimensão humana e tenham figurado no quadro de honra pelo menos em dois períodos ao longo do ano letivo.

Quadro de excelência 2012/2013

5º ANO		
5199	Mariana Ferreira Reis	5º A
4013	Ana Sofia Torre Amaral	5º B
4017	Francisco Miguel L. Moutinho N. Moreira	5º C
4018	Catarina Ribeiro Luís Marques	5º C
4098	Joana Diogo Alves Correia	5º C
5289	Catarina Sanches Soutelinho Aderneira	5º C
6º ANO		
4387	Maria Laura Cortez Mota	6º A
3892	Duarte Tomás Cardoso Rezio Martins	6º B
5139	Sofia Ramos Falcão	6º D
7º ANO		
3710	Gonçalo C. Espinha Pinheiro Castela	7º A
3785	Guilherme Calais Grilo Sá Fialho	7º A
3788	Miguel Pinto Correia Cardoso e Cunha	7º A
4270	Alexandra Ribeiro Verdasca	7º B
3697	Beatriz Pinto Correia Cardoso e Cunha	7º C
3703	Carolina Viegas Dias Gomes	7º C
3714	Joana Santos Pereira dos Reis	7º C
4970	Afonso Morgado Mota	7º D
8º ANO		
4702	Beatriz C. Gonçalves Rodrigues Gaspar	8º A
3579	Joana Lima Grilo Fernandes da Silva	8º B
3986	Mariana Franco Esguelha Simões	8º B
4100	Cláudia Belo Marques	8º B
4696	Ana Rita Landeiro Filipe Sousa	8º B
3941	Maria Inês Feliz Barreiros Gama	8º C
3946	Rita Teixeira Henriques de Miranda	8º C
3586	Sofia Matias Coimbra Martins	8º D
4706	Catarina Castro Gaspar Cortesão Correia	8º D
9º ANO		
3376	Mariana S. Espada Venâncio Carrasco	9º A
3393	Mafalda Viegas Dias Gomes	9º A
3466	João Francisco Pires Garutti Gonzalez	9º A
3922	Miguel Micaelo Bengala	9º A
3747	Maria Francisca Telles Freitas Xara-Brasil	9º B
3751	Rita Lopes da Costa Marques Pinto	9º B
3875	Marta Filipa Velosa Zambujal Oliveira	9º B
4606	Maria João Pessoa Araújo S. Sancho	9º C
5045	Maria Carolina Osório Gonçalves	9º C
4567	Sofia Vassangi Hemrage	9º D
4569	Maria Soares de Almeida	9º D
4573	Maria Leonor Palminha Alves	9º D



Francisca Xara-Brasil



Mafalda Gomes



Mariana Carrasco



Miguel Bengala

Os alunos Francisca Xara-Brasil, Mafalda Gomes, Mariana Carrasco e Miguel Bengala foram distinguidos na cerimónia do Quadro de Excelência como os melhores do 3º ciclo no ano letivo 2012/13.

O aluno Diogo Monteiro (12º) foi distinguido na cerimónia do Quadro de Excelência, que se realizou no dia 7 de outubro, por ter concluído o 12º ano com a melhor classificação na disciplina de Português.



Quadro de excelência 2012/2013

10º ANO		
4892	Laura Cardoso Seara Gonçalves Cabeça	10º 2
11º ANO		
339	Gonçalo Lopes Martins e Pereira	11º 1A
386	Patrícia Bidarra Figueiredo C. Nascimento	11º 1A
3398	Diogo Filipe Pereira F. Fernandes Silva	11º 1A
3808	Filipa Ribeiro Verdasca	11º 1A
4236	Pedro Neto Afonso Dickson Leal	11º 1A
4863	Catarina de Oliveira Soares	11º 1A
5177	Joana da Silva Cruz Gameiro Duarte	11º 1A
5183	Ricardo José Vareta Paiva	11º 1A
264	Manuel Maria da Costa Lorga D. Portela	11º 1B
3924	Alexandra Domingos Reis Pereira	11º 1B
12º ANO		
859	Luís Gouveia Coutinho Sá Couto	12º 1
1309	Manuel João Ralheta Galvão	12º 1
3262	Pedro Manuel Brito Monteiro	12º 1
3271	Maria Catarina Veloso Gago da Graça	12º 1
3469	Diogo Miguel F. N. Pelicano Monteiro	12º 1
3994	Joana Cidade Alves	12º 1
4050	Catarina Carôla Cavaco	12º 1
4071	Ricardo Amaral Santos	12º 1
4085	Ana Sofia Caldas Vieira Gomes Correia	12º 1
4105	Gonçalo Ribeiro Lopes Rodrigues Marta	12º 1
4108	Francisco Leonardo Ramos	12º 1
5001	Joana Isabel Martins Barros Luís	12º 1
5004	Diogo João Figueiredo Vieira	12º 1
5358	Maria Margarida de Almeida S. Martins	12º 1
3499	Filipa Veríssimo Choon	12º 2
221	Maria Inês dos Santos Silva	12º 4
3257	Joana Duarte Ferreira Passos Almeida	12º 4
3996	Inês Torre Estorninho	12º 4
4063	Mariana da Câmara Pestana Correia	12º 4



A aluna Catarina Cavaco (12º) foi distinguida na cerimónia do Quadro de Excelência, que se realizou no dia 7 de outubro, por ter concluído o 12º ano com a melhor classificação na disciplina de Matemática.

ACESSO AO ENSINO SUPERIOR 2013

100% de entrada no Ensino Superior Lista de colocações

ALUNO	CURSO	FACULDADE
Alexandra da Silva Gomes	Gestão Turística	Escola Superior de Hotelaria e Turismo do Estoril
Ana Carolina Duarte	Arquitetura	Universidade Técnica de Lisboa – Faculdade de Arquitetura
Ana Rita Monteiro	Ciências Biomédicas	Universidade do Algarve
Ana Sofia Correia	Engenharia Química	Instituto Superior Técnico
António Mendes	Gestão	Universidade Nova de Lisboa – Faculdade de Economia
António Pedro Alvarez	Engenharia Informática e de Computadores	Instituto Superior Técnico
Beatriz Cunha Quiaios	Fisioterapia	Escola Superior de Saúde do Alcoitão
Bruno de Freitas Devos	Gestão	ISCTE – Instituto Universitário de Lisboa
Carlos Miguel Conceição	Design de Equipamento	Universidade de Lisboa – Faculdade de Belas-Artes
Carolina Pelletier Fontes	Escultura	Universidade de Lisboa – Faculdade de Belas-Artes
Catarina Carola Cavaco	Economia	Universidade Nova de Lisboa – Faculdade de Economia
Catarina de Magalhães Mendonça	Gestão	Universidade Católica de Lisboa
Diogo Alexandre Marcos	Engenharia e Gestão Industrial	Universidade Nova de Lisboa – Faculdade de Ciências e Tecnologia
Diogo João Vieira	Engenharia Mecânica	Instituto Superior Técnico
Diogo Miguel Monteiro	Ciências Farmacêuticas	Universidade de Lisboa – Faculdade de Farmácia
Filipa Veríssimo Choon	Gestão	Universidade Nova de Lisboa – Faculdade de Economia
Filipe Santos Costa	Engenharia Informática e de Computadores	Instituto Superior Técnico
Francisca Aranha Monteiro	Gestão de Marketing	ISCTE – Instituto Universitário de Lisboa
Francisco Caranova da Conceição	Gestão Turística	Escola Superior de Hotelaria e Turismo do Estoril
Francisco Gomes Barros	Engenharia e Gestão Industrial	Instituto Superior Técnico
Francisco Leonardo Ramos	Economia	Universidade Nova de Lisboa – Faculdade de Economia
Gonçalo Dias Louro	Engenharia Informática e de Computadores	Instituto Superior Técnico
Gonçalo Ribeiro Marta	Engenharia Biomédica	Instituto Superior Técnico
Inês Patrícia Lopes	Engenharia Informática	ISCTE – Instituto Universitário de Lisboa
Inês Torre Estorninho	Arquitetura	Universidade Técnica de Lisboa – Faculdade de Arquitetura
Joana Cidade Alves	Engenharia e Gestão Industrial	Instituto Superior Técnico
Joana Duarte Almeida	Pintura	Universidade de Lisboa – Faculdade de Belas-Artes
Joana Isabel Barros Luís	Gestão	Universidade Nova de Lisboa – Faculdade de Economia

ALUNO	CURSO	FACULDADE
João Nuno Pedro	Ortoprotesia	Escola Superior de Tecnologia da Saúde de Lisboa
João Pedro Carvalho	Engenharia Informática e de Computadores	Instituto Superior Técnico
João Ferreira Jesus	Finanças e Contabilidade	ISCTE – Instituto Universitário de Lisboa
Jorge Miguel Silva	Gestão	Universidade Autónoma de Lisboa
Luís Gouveia Sá Couto	Engenharia Informática e de Computadores	Instituto Superior Técnico
Mafalda Faria Claro	Medicina veterinária	Universidade Lusófona
Manuel João Galvão	Ciências Farmacêuticas	Universidade de Lisboa – Faculdade de Farmácia
Maria Ana Dias Lima	Economia	Universidade Católica de Lisboa
Maria Catarina Gago da Graça	Biologia	Universidade de Lisboa – Faculdade de Ciências
Maria Gamboa Dias	Ciências do Desporto	Universidade Técnica de Lisboa – Faculdade de Motricidade Humana
Maria Inês Silva	Design de Equipamento	Universidade de Lisboa – Faculdade de Belas-Artes
Maria Margarida Martins	Economia	Universidade Nova de Lisboa – Faculdade de Economia
Maria Teresa Sousa Barros	Gestão	Universidade Técnica de Lisboa – Instituto Superior de Economia e Gestão
Mariana Arouca Rodrigues	Ciências do Desporto	Universidade Técnica de Lisboa – Faculdade de Motricidade Humana
Mariana da Câmara Correia	Design de Equipamento	Universidade de Lisboa – Faculdade de Belas-Artes
Mariana Couceiro Baião	Economia	Universidade Nova de Lisboa – Faculdade de Economia
Mariana Cruz Viegas	Gestão do Lazer e Animação Turística	Escola Superior de Hotelaria e Turismo do Estoril
Marta Melo de Andrade	Design	Universidade Técnica de Lisboa – Faculdade de Arquitetura
Max Coelho Pinto Ferreira	Biologia	Universidade de Lisboa – Faculdade de Ciências
Miguel Crugeira dos Santos	Engenharia Mecânica	Instituto Superior Técnico
Miguel de Gouveia Marques	Ciências Farmacêuticas	Universidade de Lisboa – Faculdade de Farmácia
Miguel Monteiro Neves	Economia	ISCTE – Instituto Universitário de Lisboa
Nuno Miguel Camilo	Informática e Gestão de Empresas	ISCTE – Instituto Universitário de Lisboa
Pedro Carvalho de Santos	Filosofia	Universidade de Lisboa – Faculdade de Letras
Pedro Manuel Monteiro	Engenharia Aeroespacial	Instituto Superior Técnico
Pedro Martins Mendes	Economia	Universidade Nova de Lisboa – Faculdade de Economia
Ricardo Amaral Santos	Engenharia Mecânica	Instituto Superior Técnico
Rita Gourinho Quintas	Engenharia Química	Instituto Superior Técnico
Salvador Maia Menezes	Economia	ISCTE – Instituto Universitário de Lisboa

educar para a qualidade e excelência

Cerimónia do Quadro de excelência

A cerimónia de entrega de medalhas do Quadro de Excelência aos alunos que no passado ano letivo se destacaram, não só pelo excelente desempenho na dimensão académica mas também pelas boas qualidades evidenciadas na dimensão humana, que foram reconhecidas pelos seus pares, pelos Conselhos de Turma e pela Direção, realizou-se no dia 7 de outubro, no Auditório do Colégio.

Nesta cerimónia, que contou com a presença dos elementos do Conselho Superior do Colégio Valsassina, foram também entregues os seguintes prémios:

- Melhor aluno do Ensino Secundário 2013:

- **Filipa Choon 12º2**

- Melhor aluno do 3º Ciclo do Ensino Básico 2013:

- **Miguel Bengala 9ºA**

- **Mafalda Gomes 9ºA**

- **Mariana Carrasco 9ºA**

- **Francisca Xara-Brasil 9ºB**

Todos estes alunos concluíram o 9º ano com nível 5 em todas as disciplinas tendo obtido também nível 5 nos exames nacionais de Português e Matemática.

- Prémio "Matemática" – Ensino Secundário 2013: **Catarina Cavaco 12º1A**

- Prémio "Português" – Ensino Secundário 2013: **Diogo Monteiro 12º1A**

- Prémio Sensibilidade Social 2013: **Laura Cabeça 10º2**

- Prémio Sensibilidade Ambiental 2013: **Beatriz Quiaios 12º1A**



Filipa Choon
(Melhor aluno do Ensino Secundário)



Beatriz Quiaios
(Prémio de Sensibilidade Ambiental)



Laura Cabeça
(Prémio de Sensibilidade Social)

Rankings 2013

Publicamos nesta edição da Gazeta as classificações obtidas pelo Colégio, tendo por base os dados da página oficial do Ministério da Educação – Júri Nacional de Exames – programa ENES e ENEB.

Num ano em que se mais uma vez se notou uma maior exigência nos exames nacionais, num Universo de mais de 600 escolas, o Colégio Valsassina esteve em destaque nos Rankings tendo atingido o 3º lugar a nível Nacional.

Destacamos ainda:

- 2º lugar em Matemática A e em Geometria Descritiva
- 4º lugar em Biologia e Geologia
- 7º lugar em Matemática B
- 8º lugar em Desenho A
- 15º lugar em Português
- 22º lugar em Física e Química

4º ANO				
Disciplinas	CIF		MÉDIA DE EXAME	
	Valsassina	Nacional	Valsassina	Nacional
Matemática	3,91	3,64	3,7 (75%)	2,9 (56%)
Português	4	3,74	3,3 (65%)	2,6 (48%)
Geral	3,96	3,67	3,5 (70%)	2,8 (52%)

9º ANO				
Disciplinas	CIF		MÉDIA DE EXAME	
	Valsassina	Nacional	Valsassina	Nacional
Matemática	3,59	3,01	3,6 (70%)	2,5 (45%)
Português	3,28	3,21	3,3 (65%)	2,7 (49%)
Geral	3,44	3,10	3,5 (67%)	2,6 (47%)

6º ANO				
Disciplinas	CIF		MÉDIA DE EXAME	
	Valsassina	Nacional	Valsassina	Nacional
Matemática	3,32	3,22	3,9 (76%)	2,7 (49%)
Português	3,26	3,3	3,5 (68%)	2,8 (52%)
Geral	3,29	3,25	3,7 (72%)	2,7 (51%)

MÉDIAS GERAIS (11º + 12º ANOS)					
CIF		MÉDIA DE EXAME		CFD	
Valsassina	Nacional	Valsassina	Nacional	Valsassina	Nacional
14,8	13,2	13,4	9,2	14,4	12,3

EXAMES – 11º e 12º ANOS (Alunos Internos)						
Disciplinas	CIF		MÉDIA DE EXAME		CFD	
	Valsassina	Nacional	Valsassina	Nacional	Valsassina	Nacional
Matemática A	15,6	12,9	15,8	9,2	15,7	11,9
Português	13,6	13,3	12,7	9,6	13,3	12,3
GD A	15,6	14,1	18,6	11,5	16,6	13,4
Biologia e Geologia	16,4	13,4	12,3	8,1	15,3	11,9
Economia A	14,5	14,2	11,8	11,2	13,6	13,4
Física e Química A	14,7	12,8	11,1	7,7	13,8	11,4
Geografia A	14,1	13	11,5	9,7	13,4	12,1
Matemática B	13,7	12,8	13,7	9,6	13,7	11,9
Desenho A	16,3	15,2	15	12,5	15,8	14,4

educar para a qualidade e excelência

A Bandeira Verde foi mais uma vez hasteada por duas gerações de alunos do Valsassina: jardim de infância e finalistas do 12º ano



Alunos do Valsassina premiados no concurso nacional 2013 Eco-Repórter

No âmbito das “Escolas com energia” foi dinamizado o desafio para as Eco-Escolas: Eco-Repórter da energia.

Pretendia-se a realização de um conjunto de investigações (inquéritos, entrevistas, recolha de informação) em torno da eficácia e eficiência com que utilizamos a energia.

Os trabalhos jornalísticos de temática ambiental e energética procuravam investigar uma realidade concreta ou local, integrando entrevistas e dados factuais.

O trabalho submetido foi distinguido com o **2º lugar**:

● 2º Escalão (secundário): “Colégio Valsassina, Contadores inteligentes: uma opção sustentável”, da autoria de **Carolina Fonseca, Catarina Pauleta e Mariana Monteiro 11ºIA**.

O trabalho realizado consiste numa reportagem sobre a utilização de Contadores Inteligentes, uma opção utilizada cada vez por mais famílias portuguesas, na gestão dos consumos de eletricidade.

O vídeo pode ser consultado em <http://www.ecoreporter.abae.pt/index.php?p=trabalhos&id=22&work=1>

Alunos do Valsassina premiados no concurso nacional 2013 dos Jovens Repórteres para o Ambiente

Jovens Repórteres para o Ambiente (JRA) é um Programa internacional que envolve atualmente 27 países da FEE. Este Programa que decorre em Portugal desde 1994, destina-se fundamentalmente aos estudantes do Ensino Secundário e Profissional, pretendendo contribuir para o treino do exercício de uma cidadania ativa e participativa. No concurso nacional 2013 o Colégio Valsassina foi distinguido com uma **Menção Honrosa** com o trabalho “Lisboa apresenta uma boa qualidade do ar” da autoria de **Catarina Soares, Filipa Verdasca e Patrícia Nascimento 11ºIA**.

O trabalho pode ser consultado em <http://jra.abae.pt/portal/article/lisboa-apresenta-uma-boa-qualidade-do-ar/>

Colégio Valsassina distinguido com o Galardão Bandeira Verde pelo décimo ano consecutivo

O trabalho desenvolvido pelo Colégio Valsassina no ano letivo 2012/2013 foi distinguido com o Galardão Bandeira Verde. Este Galardão certifica a coerência e qualidade do trabalho desenvolvido nas Eco-Escolas.

A entrega da Bandeira Verde decorreu no Dia das Bandeiras Verdes, dia 27 de setembro, em Cascais.

O ano letivo 2013/2014 marca assim os **11 anos do Colégio Valsassina na rede Eco-Escolas**.

Para assinalar os 10 anos de Eco-Escola durante a cerimónia do Hastejar da Bandeira Verde, que decorreu no passado dia 7 de novembro, os alunos do 4º ano, em Expressão Plástica, coordenados pelo professor **João Gonçalves**, pintaram um mural no recreio do Colégio.

Colégio em ação



Valsamat 2013

Realizou-se de 11 a 15 de novembro, a ValsaMat 2013 – Semana da Matemática do Colégio Valsassina.

Tal como nos anos anteriores, a ValsaMat foi o pretexto para levar aos alunos uma visão mais lúdica e divertida da Matemática, diferente da matemática “de papel e lápis” a que estão habituados. Do programa deste ano destacamos:

- Sessão de motivação “O número do Bilhete de Identidade e outros Mistérios Matemáticos”, dinamizado pelo Prof. **Nelson Gomes** para o 4º Ano;
- Conferência “A Magia da Matemática” apresentada pelo Prof. **José Paulo Viana**, para os do 7º Ano;
- Visita à Exposição “MATER: Matemática do Planeta Terra”, Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Lisboa;
- Conferência “O número de ouro” apresentada pela Professora **Isabel Ferreira** (FCUL) para os alunos do 10º Ano;
- Conferência “Probabilidades” apresentada pelo Professor **José Paulo Viana** para os alunos do 12º Ano;
- 1ª Eliminatória das XXXI Olimpíadas da Matemática;
- Simultânea de Xadrez e Jogo do 24.

Semana da Ciência e da Tecnologia 2013

A Semana da Ciência e da Tecnologia no Colégio Valsassina decorreu de 18 a 27 de novembro de 2013. Durante esta iniciativa por todo o país, instituições científicas, escolas, universidades, entre outros, promoveram ações de divulgação e comunicação para o público e população escolar.

Mais uma vez o Colégio Valsassina assinalou esta semana dinamizando várias atividades para toda a comunidade escolar de modo a despertar a curiosidade para o mundo que nos rodeia; motivar os alunos para a Ciência; e contribuir para um aumento da sua literacia científica.

Da programação deste ano destacamos:

- Conferência do ciclo “Eu, a Ciência e a Sociedade, sobre “Energias e a Importância estratégica do Atlântico”, apresentada pelo Doutor **Ruben Eiras**.
- Laboratórios abertos com atividades (na área da Biologia, Física, Geologia e Química) dinamizadas pelos alunos do ensino secundário para os colegas do 1º e 2º ciclo;
- Exposição de trabalhos: “Sismógrafos” (alunos do 8º ano), Planetas do sistema solar (alunos do 7º ano); Regras de segurança em Laboratório (alunos do 3º ciclo e secundário); instrumentos de som (alunos do 8º ano);
- Ações sobre “Cancro”, no âmbito do Projeto Jovens Pela Liga.

Esta ação inseriu-se no âmbito da Educação para a Saúde e Prevenção do Cancro. Numa altura em que o cancro é considerado o principal problema de saúde pública que enfrentaremos já que atinge 1 em cada 4 pessoas, segundo estimativas da OMS.



Aconteceu...

10º anos - "Bons raios te meçam"

As turmas de Ciências e Tecnologia do 10º ano, 10º1A e 10º1B, no âmbito da disciplina de Física e Química A, participaram numa visita de estudo ao Observatório Astronómico da Ajuda para participar na atividade "Bons Raios Te Meçam – medir a Terra", que decorreu na sequência do Equinócio de Outono de 2013. Nesta actividade os alunos fizeram algumas medições que lhes permitiram determinar o raio da Terra.



12º 4 desenha na Casa-Museu

No passado dia 25 de setembro, no âmbito da disciplina de Desenho A, os alunos da turma de artes realizaram uma visita de estudo à Casa-Museu Dr. Anastácio Gonçalves.

Na Casa-Museu Dr. Anastácio Gonçalves encontram-se reunidas inúmeras obras de arte que se distribuem por três grandes núcleos: pintura portuguesa dos séculos XIX e XX, porcelana chinesa, peças de mobiliário português e estrangeiro. A atual Casa-Museu Dr. Anastácio Gonçalves, foi mandada construir pelo pintor José Malhoa para sua casa de habitação e atelier de trabalho.

Na visita os alunos puderam conhecer importantes obras da pintura Naturalista portuguesa, tendo realizado, duas atividades extra. Registaram nos seus cadernos gráficos, desenhos rápidos partindo da análise de algumas das obras expostas, com posterior aplicação da técnica de aguarela nos desenhos elaborados.

Dia Aberto à Expressão Dramática

Com o intuito de dar a conhecer o Grupo de Teatro do Colégio Valsassina, decorreu, no passado dia 26 de setembro, o Dia Aberto à Expressão Dramática. No auditório do colégio, os alunos puderam experimentar atividades, jogos teatrais e explorar diferentes formas de comunicação. **Todas as quartas-feiras, das 16h e 30m às 18h, o Grupo de Teatro** continua a estimular a criatividade e o imaginário de cada um, desenvolvendo diversas práticas teatrais na descoberta de uma outra forma de "saber ser". Neste espaço vivo de criação livre, preparam-se, neste momento, dramatizações de poemas natalícios de autores de Língua Portuguesa, que serão apresentados na festa de Natal do colégio.

12º 4 - Exposição de Desenho A

De 7 a 14 de outubro esteve patente no átrio do liceu a exposição de trabalhos dos alunos do 12º ano, da disciplina de Desenho A.

Os trabalhos expostos foram ensaios de formas figurativas com vista à concretização de uma composição, utilizando os diversos recursos do desenho, nomeadamente os Processos de Síntese e Transformação Gráfica. Os materiais e técnicas utilizadas nos exercícios foram tinta da china, lápis de sanguínea e grafite.

Colóquio sobre "Programa de enriquecimento para crianças e jovens com capacidades elevadas"

No dia 30 de outubro realizou-se, no Auditório do Colégio Valsassina, um colóquio com o tema "Programa de enriquecimento para crianças e jovens com capacidades elevadas". A oradora foi a Prof.ª **Helena Serra**, da ESEPF, que se tem dedicado ao estudo e programas destinados a estas crianças e jovens, para que as escolas e os pais promovam estratégias para que eles desenvolvam todo o seu potencial, de forma equilibrada e feliz.





Halloween no Jardim de Infância

No dia 31 de Outubro os alunos do jardim-de-infância celebraram com as Professoras de Inglês (**Mafalda Braz** e **Marta Arrais**) o Halloween, uma celebração muito visível nos países cuja primeira língua é o Inglês.

Os alunos passaram a manhã deste dia na Casinha de Madeira decorada a rigor para este dia. Fizeram biscoitos com as formas do Halloween – luas, fantasmas, gatos e abóboras – que, no final do dia, levaram para casa.

Seminário UNESCO – O Mar é o maior museu do mundo

Realizou-se no passado dia 1 de novembro o Seminário UNESCO, O Mar é o maior museu do mundo. Este seminário realizou-se em Lagos, na Escola Secundária Júlio Dantas

No âmbito da evocação do centenário da 1ª Grande Guerra o Colégio Valsassina foi convidado a apresentar uma comunicação neste seminário sobre o projeto que será dinamizado na rede SEA-UNESCO. Este projeto consiste na dinamização de um blogue (<http://omaioirmuseudomundo.blogspot.pt/>) que se pretende assumir como um repositório de informação sobre este conflito e sobretudo sobre o Património Cultural Subaquático. Com a apresentação da comunicação foi lançada oficialmente a evocação do centenário da 1ª Grande Guerra na rede SEA-UNESCO.

Sessão da Associação Portuguesa de Luta Contra o Cancro do Pulmão

No dia 4 de novembro realizou-se uma ação de sensibilização da **Pulmonale – Associação Portuguesa de Luta Contra o Cancro do Pulmão**. Esta sessão, que se destinou aos alunos do 9º ano, pretendeu alertar para os perigos do tabagismo em pleno Mês do Cancro do Pulmão. A prevenção é a melhor forma de combater os males associados ao tabagismo (como seja o cancro do Pulmão cuja causa é em 80% atribuída ao tabaco).



7 Novembro 2013, Dia Internacional das Eco-Escolas/World Days of Action

No dia 7 de novembro celebrou-se mais um Dia Mundial de Ação, em que as crianças e jovens de estabelecimentos de ensino que fazem parte do Programa Eco-Escolas, se juntaram numa jornada global de contribuição ativa para a construção de mundo melhor. O Colégio Valsassina, como Eco-Escola há 11 anos, assinalou este dia através de várias ações, entre as quais destacamos:

- Hastear da Bandeira Verde 2013;
- Pintura mural (elaborado por alunos do 4º ano, no âmbito dos ateliers de Expressão Plástica);
- Lançamento das campanhas 2013/14 de recolhas de resíduos.

Projeto de Educação Financeira "É tempo..."

Decorreu durante o mês de novembro a primeira, de três sessões, do projeto "É tempo..." com as turmas do 7º ano. Este projeto procura educar futuros cidadãos que saibam consumir com inteligência, programar despesas e poupanças, compreender melhor a sua realidade e aproveitá-la, lutar contra o desperdício de recursos e fomentar competências de empreendedorismo. Foi dinamizado pela **Dra. Margarida Vilela Madeira** e pela **Dra. Sónia Morgado Ramalho**.





Aula de Economia: A crise do Estado Social

O Grupo de Economia do Colégio convidou o Prof. Dr. **José Magalhães** do Instituto Superior de Gestão para analisar "A crise do Estado Social".

A sessão realizou-se no passado dia 15 de novembro. Os alunos de economia do Colégio tiveram o maior interesse em compreender a importância do Estado Social em qualquer actividade económica.

Workshop "EcoJornalistas...Missão 3R,s"

Durante a semana de 18 a 22 de Novembro os alunos das turmas do 10º1A e 10º1B participaram no Workshop "EcoJornalistas...Missão 3R,s". Esta atividade inseriu-se no **Media Lab do Diário de Notícias** e teve o **apoio da Valorsul**, uma vez que decorreu em plena Semana Europeia da Prevenção da Produção de Resíduos, abordando temas relacionados com os resíduos, ambiente e sustentabilidade.

Neste workshop, os alunos assumiram-se como jornalistas e editores vivendo a experiência de criar um jornal temático, abordando temas relacionados com os resíduos, ambiente e sustentabilidade.

Sessões de sensibilização sobre violência no namoro

Nos dias 18 e 21 de novembro realizaram-se sessões de sensibilização sobre violência no namoro, dinamizadas pela **APAV**, dirigidas para os alunos do 10º ano.

A violência no namoro é um ato de violência, pontual ou contínua, cometida por um dos parceiros (ou por ambos) numa relação de namoro, com o objetivo de controlar, dominar e ter mais poder do que a outra pessoa envolvida na relação.

Colaboração do colégio com a Comunidade Vida e Paz

O Colégio voltou a colaborar em 2013 com a Comunidade Vida e Paz no projeto de decoração da Festa de Natal com as Pessoas Sem-Abrigo que teve lugar na Cantina da Reitoria da Universidade de Lisboa.

O desafio lançado pela Comunidade Vida e Paz foi o da construção de figuras do presépio, a partir de materiais subvalorizados e reutilização de embalagens.

Campanha de Natal

À semelhança dos anos anteriores, e no sentido de dar continuidade à nossa de responsabilidade social e promovendo junto dos Jovens o sentido da Solidariedade o Colégio realizou mais uma Campanha de Natal - "SuperValsa" de recolha de produtos alimentares a favor da Junta de Freguesia de Marvila e das Pequenas Irmãs Missionárias da Caridade, e de brinquedos para o Hospital D. Estefânia, Associação Sol e Junta de Freguesia de Marvila.

Esta campanha decorreu entre 20 novembro e 10 de dezembro, e foi dirigida a todos os alunos do Colégio, bem como aos familiares que a ela se quiseram associar. No final o balanço foi muito positivo demonstrando que em tempos de crise os laços de amizade e de solidariedade saem reforçados.

Voluntariado no Banco Alimentar contra a fome

No passado dia 30 de novembro um grupo composto por cerca de 90 elementos incluindo alunos, pais e professores do Colégio Valsassina estiveram nos armazéns do Banco Alimentar de Lisboa a ajudar na separação dos alimentos recolhidos nos supermercados da grande Lisboa. Agradecemos a todos os que puderam estar presentes.

Encontro com uma contadora de histórias

No dia 6 de dezembro os alunos do **3º ano**, do 1º ciclo, participaram num encontro com uma contadora de histórias. O livro *A Arca do Tesouro*, da escritora Alice Vieira, serviu de base para esta sessão.

Encontro com o escritor Sérgio Luís de Carvalho

No dia 11 de dezembro os alunos do **4º ano**, do 1º ciclo, participaram num encontro com o escritor **Sérgio Luís de Carvalho**, autor de *Os Descobridores do Mundo*. Os alunos mostraram um elevado interesse e participação.

Encontro com escritora Maria João Lopo de Carvalho

No dia 16 de dezembro os alunos do **12º ano** participaram num encontro com a escritora **Maria João Lopo de Carvalho**. O seu novo romance, elemento central desta sessão, baseia-se nos lendários feitos e peripécias de Brites de Almeida, a Pa-deira de Aljubarrota, contados e acrescentados ao longo dos tempos.

Árvores de Natal Comunitárias 2013

Os alunos do 1º e 2º ciclo participaram na realização de enfeites para a árvore de Natal comunitária da Junta de Freguesia de Marvila. Esta atividade, dinamizada no âmbito da expressão plástica (1º ciclo) e ateliers do 2º ciclo é mais uma forma do Colégio Valsassina assumir a sua responsabilidade social através de várias ações, com destaque para as realizadas a nível da comunidade local. A “nossa árvore” está montada na Avenida Avelino Teixeira Mota, entre o Colégio Valsassina e o Pingo Doce, até ao início de janeiro de 2014.

Festa de Natal

A Festa de Natal 2013 do jardim de infância realizou-se no dia 17 de dezembro. Foi um final de dia muito animado em que a comunidade Valsassina se juntou para celebrar mais um Natal.



Aconteceu no desporto...



Xadrez. Valsassina, campeão distrital de Lisboa

Luís Reynolds. Professor de Xadrez

O Colégio Valsassina sagrou-se Campeão de Xadrez do Distrito de Lisboa, na escalação A (1.º e 2.º ciclo), durante o VI Campeonato Distrital Escolar de Lisboa por Equipas (2012-2013), realizado no passado dia 5 de Outubro na escola Gama Barros, no Cacém.

A prova, que marcou o encerramento desportivo xadrezístico do ano lectivo de 2012-2013, foi organizada pelo Grupo de Xadrez de São Marcos, em parceria com a Associação de Xadrez de Lisboa, e contou com o apoio da Câmara Municipal de Sintra e da Escola Secundária Gama Barros.

A equipa do Colégio Valsassina, constituída por **Afonso Carvalho, Duarte Vila Maior, Gonçalo Abreu e Rita Carvalho**, conquistou o título com brilhantismo, terminando a prova só com vitórias – a única equipa a consegui-lo entre as dezasseis equipas concorrentes. Os jogadores do Valsassina distinguiram-se ainda como os melhores em três dos quatro tabuleiros em competição: **Afonso Carvalho, Duarte Vila Maior e Gonçalo Abreu**, respetivamente, no 1.º, 2.º e 3.º tabuleiro da prova. Classificação final após 6 rondas:

RK	N. INIC.	EQUIPA	JOGOS	+	=	-	DES1	DES2	DES3
1	1	VALSASSINA	6	6	0	0	19	12	0
2	2	Esc. 31 de Janeiro A	6	5	0	1	17	10	0
3	6	Esc. 31 de Janeiro B	6	3	1	2	14,5	7	0
4	9	D. Filipa de Lencastre	6	2	2	2	14,5	6	0

Corta-Mato

Realizou-se no 13 dia de novembro, no Parque da Bela Vista, mais um Corta-Mato. Participaram nesta atividade alunos de várias escolas, entre os quais cerca de 400 alunos do Colégio Valsassina. Os 6 primeiros alunos na classificação do Colégio Valsassina, ficam apurados para o Corta Mato Distrital, a realizar, no 2.º período.

DORSAL	CLASS. GERAL	CLASS. COL.	NOME	ANO/TURMA/COLÉGIO	ESCALÃO	GENERO
249	5	1	Francisca Luís	5.ºB	INF A	FEM
206	2	1	Nuno Marques	5.ºB	INF A	MASC
349	2	1	Joana Correia	6.ºC	INF B	FEM
296	1	1	Rodrigo Santos	7.ºA	INF B	MASC
460	6	1	Madalena Rodrigues	9.ºB	INIC	FEM
412	1	1	Afonso Minderico	9.ºA	INIC	MASC
521	2	1	Barbara Choon	11.º 1B	JUV	FEM
490	1	1	Hugo Luis	10.º 1A	JUV	MASC
550	2	1	Carolina Fonseca	12.º 1A.	JUN	FEM
537	2	1	Alexandre Almeida	12.º 1B	JUN	MASC

Voleibol - Infantis A Femininos e Masculinos Campeonato do Desporto Escolar 2013/2014

Elsa Braz, José Viegas e Miguel Pombeiro. Professores de Educação Física.

No sábado, dia 23 de novembro, organizado pelos professores de Voleibol do Valsassina, realizou-se no ginásio do colégio o 1.º Torneio de Voleibol de Infantis A feminino e masculino, onde estiveram presentes os alunos/jogadores do Colégio Valsassina, que fazem parte das nossas equipas de voleibol de infantis (10 anos). Este torneio contou com a presença das equipas femininas e masculinas que participam no campeonato distrital de Lisboa, tendo as equipas do colégio revelado um desempenho muito bom. De realçar que as nossas equipas alcançaram um 1.º e um 3.º lugar no masculino e um 3.º lugar no feminino.

Vai acontecer...

Janeiro

- Semana da Geografia
- Seminário Nacional Eco-Escolas
- Ações de intervenção no Parque Natural de Sintra-Cascais
- Concurso Nacional de Leitura
- Encontro com o escritor David Machado
- Apresentação do livro "Mandela – O Rebelde exemplar" do escritor António Mateus

Fevereiro

- Conferência do ciclo "Eu, a Ciência e a Sociedade"
- Viagem de finalistas 12º ano

Março

- Semana das Línguas
- Semana da Educação Física

Abril

- Viagem de finalistas 9º ano

Blogues do Valsassina

Acompanhe na blogosfera algumas das atividades do Colégio Valsassina

● Arte na Escola

"Arte na escola" é um espaço onde se pretende divulgar e dar a conhecer as atividades realizadas nas disciplinas de vertente artísticas no Colégio Valsassina, desde o 1º Ciclo até ao Ensino Secundário: <http://www.evtvalsassina.blogspot.pt>

● Educação Ambiental e Educação para o Desenvolvimento Sustentável

Atividades do projeto ecoValsassina: <http://geracaoecovalsassina.blogspot.pt/>

● Ciência, ensino experimental, projetos de investigação dos alunos

<http://biovalsassina.blogspot.pt/>

● Combater as alterações climáticas numa Low Carbon School

<http://co2amais.blogspot.pt/>

● Cultura, literatura, escrita

<http://15menosumquarto.blogspot.pt/>

<http://os20versosdavalssa.blogspot.pt/>

Próxima edição... Crescer aprendendo



A Gazeta Valsassina é carbonfree – livre de emissões de carbono.

A edição da Gazeta Valsassina envolve o uso de um recurso natural que vem das árvores, o consumo de energia para produzir o papel, imprimi-lo e transportá-lo, liberta gases com efeito de estufa responsáveis pelo aquecimento global. Sendo uma Low Carbon School compensámos as emissões que não conseguimos evitar através do apoio a um projecto que sequestra o dióxido de carbono. A Gazeta Valsassina é carbonfree – livre de emissões de carbono.

